

REGIANA MIRANDA

**A COMUNIDADE ACADÊMICA E A INTERAÇÃO COM O DESCARTE DE
RESÍDUOS**
Estudo Exploratório do Curso de Artes Plásticas

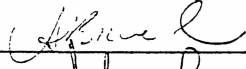
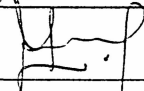

**CURITIBA
2004**



Universidade Federal do Paraná
Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento
Curso de Especialização em Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento

Ata da sessão pública da monografia do grau de Especialista em Educação Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Aos vinte e um dias do mês setembro de dois mil e quatro, às 10:00 horas na Sede do Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da banca de monografia, constituída pelos seguintes Professores: Ana Lorena de Oliveira Bruel (orientador), Marisa Soares Borges e Dimas Floriani sob o título "*Os estudantes e professores de artes plásticas e a interação com o descarte de resíduos*" de REGIANA MIRANDA tendo obtido os seguintes conceitos: Professores Ana Lorena de Oliveira Bruel (A), Marisa Soares Borges (A) e Dimas Floriani (A). Em seguida, foi declarada aprovada e receberá o título de Especialista em Educação Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a presente sessão a qual será assinada pela banca examinadora.

Curitiba, 21 de setembro de 2004.

Prof^ª Ms. Ana Lorena Bruel 
Prof^ª Ms. Marisa Soares Borges 
Prof^º Dr. Dimas Floriani 

REGIANA MIRANDA

**A COMUNIDADE ACADÊMICA E A INTERAÇÃO COM O DESCARTE DE
RESÍDUOS
Estudo Exploratório do Curso de Artes Plásticas**

**Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Educação, Meio Ambiente e
Desenvolvimento do Núcleo Interdisciplinar de
Meio Ambiente e Desenvolvimento da
Universidade Federal do Paraná, como requisito à
obtenção do título de especialista.**

**Orientadora: Profa Ms. Ana Lorena de Oliveira
Bruel**

**CURITIBA
2004**

“A criação artística pode ser um meio de reflexão e crítica social.”
Ricardo Carneiro

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
1 INTRODUÇÃO.....	5
2 O PROCESSO DE MODIFICAÇÃO DO MEIO:	11
3 FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL EM ARTES PLÁSTICAS:	19
3.1 CURRÍCULO DE ARTE E MEIO SÓCIO AMBIENTAL:	20
3.2 ENTREVISTAS:	25
3.3 REPRESENTAÇÃO PESSOAL E ESPACIAL DAS OFICINAS:.....	30
3.4 A INTERAÇÃO COM A SOCIEDADE.....	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:	40
5 REFERÊNCIAS	43

Anexo A – Ementas das oficinas do curso de Artes Plásticas da UFPR

Anexo B1 a B5 – Entrevistas com os professores da comunidade estudada.

Anexo B6 a B14 – Entrevistas com os alunos de Artes Plásticas

Anexo C – Grade curricular do curso

Anexo D – Fotos do espaço físico das oficinas

RESUMO

O encontro do tema, "A Comunidade Acadêmica e a Interação com o descarte de resíduos: Estudo do Exploratório do Curso de Artes Plásticas", emergiu da preocupação com a perpetuação dos hábitos vividos dentro do espaço da comunidade acadêmica de Artes Plásticas, pois esses discentes são apreendedores de conhecimento, repetidores e transformadores de atos aprendidos dentro da Universidade Federal do Paraná, além de serem usuários de materiais expressivos tóxico/poluentes. Esse trabalho passou pelas seguintes etapas: Levantamento de referências bibliográficas acerca do tema proposto; Observação e descrição do ambiente em que as aulas são ministradas, e do comportamento da docência e discência em relação aos materiais, ao seu uso e ao seu descarte; Estabelecimento de relação entre esses materiais e suas conseqüências para o meio ambiente; Elaboração e aplicação de entrevistas visando conhecer o interesse e engajamento dos alunos e professores; Análise das respostas obtidas e cotejamento com as observações. Com este estudo exploratório se apresenta dois capítulos, o primeiro 'O processo de modificação do homem' o qual trata da necessidade histórica de modificação do meio sócio ambiental pelo homem, o uso da tecnologia pra provocar mudanças, a 'corrida' por qualidade de vida através de uma racionalidade instrumental, e do resultado formado pelo homem que defende interesses subjungando outros homens. Ainda nesse capítulo é exibida a necessidade de repensar essa racionalidade e partir para um desenvolvimento sustentável visando uma ética ambiental, por fim, enfocando a comunidade acadêmica de Artes Plásticas é listado materiais tóxico/poluentes de uso nas oficinas da instituição, é então sugerida uma forma de ação de descarte mais condizente com a sustentabilidade e ética ao meio sócio ambiental.' No capítulo seguinte: "Formação do profissional em artes plásticas.", o currículo atual é analisado e comentado assim como as ementas, as entrevistas dos professores e alunos, pois todos esses elementos colaboram com a formação da visão sócio ambiental. É traçado um paralelo entre os interesses de crítica social inerente a Arte e uma forma diferenciada de ação sustentável, considerando a alienação dos atuais artífices uma forma de distanciamento da leitura dos ciclos dos materiais expressivos, prejudicando a leitura dos objetos e processos artísticos, além de provocando um distanciamento ao 'saber ambiental'. Nas Considerações Finais é apontada as formas de atuação com os materiais e descarte dentro da comunidade, justificando com os resultados das entrevistas e leitura dos currículos o distanciamento a uma forma apropriada para o descarte dos materiais tóxico/poluentes e considerando que esses hábitos só devem ser modificados quando essa comunidade tiver acesso a informações e experiências no meio sócio ambiental embasadas numa responsabilidade ética ambiental.

1 INTRODUÇÃO

Na cidade de Curitiba são encontrados diversos universos culturais e sociais com diferentes hábitos que comungam do mesmo espaço. São grandes grupos culturais como estudantes, adolescentes, universitários, trabalhadores da construção civil, professores, donas de casa, etc. Para que esta cidade possa manter a qualidade de vida de todos esses grupos faz-se necessário que todos se *eduquem* e encontrem formas de atuação que respeitem os demais grupos e as futuras gerações, assim como o meio ambiente em que vivem.

Ora, “*educar-se* é, primeiramente, adquirir a ‘visão de mundo’ da cultura a que se pertence; educar-se diz respeito ao aprendizado dos valores e dos sentimentos que estruturam a comunidade na qual vivemos”. (DUARTE JR, 1995, p.59).

Dentro dessa comunidade existe a vontade da perpetuação do conhecimento existente, da cultura; sendo assim, essa cultura é muitas vezes transmitida formalmente nas intuições de ensino, formando grupos com interesses comuns.

Um desses grupos é a comunidade de estudantes e professores de artes da Universidade Federal do Paraná e, como todos os outros, precisa conhecer quem é e construir seus valores dentro da perspectiva da sustentabilidade da comunidade.

O tema, “Os estudantes e professores de artes plásticas e a interação com o descarte de resíduos”, surge da preocupação com o universo acadêmico. Este é o grupo cultural visado nesta pesquisa, pois, sendo os estudantes da Universidade Federal do Paraná apreendedores de conhecimento, repetidores e transformadores de atos aprendidos dentro do universo acadêmico, é importante que esses estudantes tenham a oportunidade de atuar de maneira ética com o meio ambiente, ou seja, que os hábitos da profissão sejam o menos possível agressores ao meio e à

sociedade, principalmente no espaço onde formalmente recebem informações e conhecimento.

Muitos professores de artes visuais podem até mesmo ter sido antigos alunos destas instituições de ensino superior, o que justifica a preocupação também com esse outro lado da comunidade acadêmica.

Toda essa teia de profissionais de arte inseridos na sociedade dialoga com outros grupos culturais, influenciando estes grupos com a sua forma de atuação e comunicação com o meio sócio ambiental.

Essa pesquisa analisa a prática do curso de Artes Plásticas o qual, dependendo do enfoque, pode influenciar novos profissionais em arte a desenvolver preocupação com as conseqüências da sua atuação e transmite essa preocupação ambiental para quem interage com esse grupo.

Ao se pensar em Ensino da Arte, Arte e Criação Artística, lê-se: quebra, mudança, rebeldia, criação; e isso só se dá a partir de crítica e reflexão sobre o meio sócio ambiental. Ora, não se pode pensar em arte como conhecimento alheio ao meio.

Paul Veine apud Barbosa (1998, p. 9), comenta:

Não é bastante dizer que Arte e vida são a mesma coisa. Se Arte meramente reflete e reforça a Vida, teremos uma estagnação cultural e um reforço emocional dos estilos de vida conhecidos e até criadoramente indesejáveis. Arte para responder ao dilema História-Criação-Tradição-Ruptura tem de questionar a Vida e não só refleti-la. A história é um questionamento da vida atual. A discussão das diferentes experiências pessoais é indireta com o tempo, as aprendizagens se comunicam e o acordo acaba por se fazer, à maneira duma opinião que acaba por se impor, mas não duma regra que se estabelece.

Pode-se entender que a consciência da sociedade não está fora do âmbito das artes, porque na crítica social está inserido o meio ambiente em que a sociedade se encontra; afinal, o meio sócio ambiental é objeto de estudo da arte e contraponto de diálogo.

Os discentes e docentes da faculdade de artes têm uma visão ampla, além de sensibilidade para discutir a estrutura social. Esta comunidade está diretamente ligada à comunicação visual, dialogando com a sociedade. Está preocupada em traduzir as atitudes da população para que ela possa ler-se a si própria, habilitar-se a analisar, criticar e incorporar novos hábitos.

Este trabalho visa, portanto, estudar como os professores e estudantes do curso de Artes Plásticas agem e pensam sobre o ambiente e em relação aos resíduos. E isto porque percebe a arte à vanguarda da sociedade, com a qual se comunica. Os profissionais da área de arte têm *sensibilidade* para entender o momento histórico que o meio sócio ambiental se encontra. O corpo docente da faculdade de artes da UFPR está ligado sempre a novas linguagens e significações, e não está para somente repetir o que já existe; mas sim para reavaliar a sociedade e comunicar-se com ela. Os professores das oficinas de arte, além de professores, são artistas efetivamente, e travam um diálogo com a sociedade e com o que acontece nela. Portanto não podem ficar indiferentes às relações sócio ambientais.

Em que pese a grande onda de preocupação com o meio ambiente, a sociedade se aliena em relação aos resultados de sua ação sobre o meio. Se são artistas e isso implica na divergência, devem alertar a sociedade para a nova realidade.

“Os artistas inovadores são justamente aqueles que transgridem o estilo preponderante do seu tempo.”(DUARTE JR.,1985, p.47)

Foi escolhida a comunidade acadêmica da faculdade de artes de Curitiba do Curso de Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas da UFPR – Universidade Federal do Paraná – como universo para o estudo, porque, conhecendo o cotidiano de artistas, artesãos, professores e estudantes de artes

plásticas atuantes, verificou-se que assim como em fábricas ou indústrias, a produção artística está diretamente ligada a técnicas, materiais e substâncias poluentes.

Falar de resíduos tóxicos em universidades traz à memória quase que exclusivamente as faculdades com laboratórios dos cursos de química, biologia ou farmácia, enfim, o campo das ciências químicas e biológicas; mas não as ciências humanas, porque quase não se pensa propriamente na práxis do curso.

Mas, não é difícil imaginar um acadêmico com uma palheta de tinta na mão colocando seu pincel dentro de um copo com solvente. Durante a pesquisa de campo, observou-se que as oficinas não possuem depósitos próprios para resíduos químicos, tais como ácidos, solventes ou restos de tinta. Então, cabem aqui as questões: para onde são destinados os resíduos da produção de uma faculdade de arte? Os currículos dos cursos de formação contemplam uma reflexão acerca dos resíduos e da necessidade de descartá-los adequadamente? Que visão têm os docentes e discentes destes cursos em relação ao ambiente?

Assim, diante de tantas questões, surgiu a necessidade da pesquisa com a comunidade docente e discente da faculdade de artes-plásticas. Os artistas plásticos e estudantes de arte trabalham com liberdade o emprego de materiais artísticos, seja para encontrar meios de expressão ou mesmo para produzir obras de arte. Os materiais mais comuns empregados no fazer artístico usualmente são poluentes. Depois de descartados, são resíduos que afetam a sustentabilidade do meio ambiente.

Desse modo, o presente trabalho desenvolveu uma pesquisa qualitativa, com caráter de estudo exploratório. A pesquisa passou pelas seguintes etapas:

1. Levantamento de referências bibliográficas acerca do tema proposto.
2. Observação e descrição do ambiente em que as aulas são ministradas, e do comportamento da docência e discentes em relação aos materiais, ao seu uso e ao seu descarte;
3. Estabelecimento de relação entre esses materiais e suas conseqüências para o meio ambiente.
4. Elaboração e aplicação de entrevistas visando conhecer o interesse e engajamento dos alunos e professores.
5. Análise das respostas obtidas e cotejamento com as observações.

Esse estudo monográfico apresenta dois capítulos, um capítulo intitulado: "O processo de modificação do meio", o qual trata da necessidade histórica de modificação do meio sócio ambiental pelo homem, o uso da tecnologia pra provocar mudanças, a 'corrida' por qualidade de vida através de uma racionalidade instrumental, e do resultado formado pelo homem que defende interesses subjungando outros homens. Ainda nesse capítulo é exibida a necessidade de repensar essa racionalidade e partir para um desenvolvimento sustentável visando uma ética ambiental, por fim, enfocando a comunidade acadêmica de Artes Plásticas é listado materiais tóxico/poluentes de uso nas oficinas da instituição, é então sugerida uma forma de ação de descarte mais condizente com a sustentabilidade e ética ao meio sócio ambiental.

O segundo capítulo chamado, "Formação do profissional em artes plásticas:", tece análises e comentários sobre o currículo, encontrado nas ementas do curso atual, sobre o currículo em ação detectado nas entrevistas e observações do espaço estudado, verificou-se no curso da pesquisa a importância do currículo em ação e a estrutura física oferecida aos discentes, porque esses elementos

colaboram com a incorporação de hábitos e formam a visão sócio ambiental. Argumentos de que tanto o processo de criação e análise artística não está distante da atuação sustentável, e que talvez essa leitura dos ciclos dos materiais tenha se perdido através da alienação do artífice por contemporaneamente acessar materiais expressivos prontos e não preparar seus próprios materiais de uso na arte também foram apresentados nesse segundo capítulo.

As Considerações Finais apresentam uma leitura de como o corpo docente e discente atua em relação ao descarte de resíduos, considera-se que a forma de descarte atual só deve ser modificada se a comunidade acadêmica incorporar um saber ambiental. Cabe ressaltar que através das entrevistas todos mostraram-se abertos a capacitação nesta área. É sugerida a continuidade desse estudo em relação a melhor forma de descarte, além da aproximação do grupo pesquisado aos saberes ambientais.

Existiu limites na realização deste trabalho, os tóxicos relacionados não foram medidos (mesmo com o objetivo de conhecer as etapas para tratamento e destinação final), não foi encontrada bibliografia descritiva sobre o comportamento dos resíduos dos materiais expressivos após o descarte, os rótulos não indicam a periculosidade nem a melhor forma de descarte. As sugestões para minimizar os resíduos não foram estudadas, foram apontadas algumas opções, mas devido a natureza do trabalho e os custos desse estudo detalhado, esses dados deixaram de ser exibidos.

2 O processo de modificação do meio:

É inerente ao ser humano sua capacidade de modificação do meio. Para obter seus primeiros instrumentos lascava e polia pedras, roçava e queimava para poder plantar e colher, desbravando diferentes lugares, descobrindo e modificando diferentes materiais em busca de melhorias para sua vivência. No entanto, a densidade demográfica foi crescendo sobre o planeta Terra, e mais espaços foram sendo conquistados, o que beneficiou muito a vida do homem e acrescentou à sua cultura o conhecimento de formas de domesticação de plantas e animais, de construção de casas, de vias de acesso, formas de uso da água, formas de extração de outras riquezas, de uso destas riquezas. Tudo sempre na expectativa de melhora da sua qualidade de vida.

No entanto, “Não está absolutamente claro por que razões o ser humano levou o equilíbrio ecológico a um nível tão delicado para sua própria sobrevivência e possivelmente para a de muitas outras espécies.”(FOLADORI, 2001, p15)

Hoje, o mundo está tomado pelos seres humanos, mas nem todos possuem Qualidade de Vida, nem todos os povos que se formaram têm uma situação melhor, e melhor aqui se refere às possibilidades que esse mesmo ser humano tinha quando primitivo, com espaço e chances de desenvolvimento numa Terra ainda não explorada. A extração e obtenção de vantagens pessoais se fizeram tão importantes para o ser humano que ele entrou numa corrida para o alcance da riqueza. Nem todos os homens tiveram a mesma oportunidade, sendo assim, o mundo tornou-se um meio onde as riquezas naturais e culturais não estão homoganeamente distribuídas pela humanidade.

O conhecimento foi um dos elementos que fez com que alguns homens liderassem outros, mantendo-os sem chances de crescimento, grupos foram formados com diferentes ideologias e os gerentes das nações regem o mundo sempre defendendo posições políticas que tendem a manter os povos mais ricos em desigualdade com os outros povos ou seja: na condição de tomar decisões e agir em detrimento dos povos mais pobres.

Os problemas sociais foram se agravando mais desde a revolução industrial, além de manter pessoas de diferentes idades trabalhando horas incansáveis, estas mesmas acabaram por ficar doentes morando perto das fábricas e respirando o ar poluído vindo das chaminés. Neste momento da história começaram a ser utilizadas grandes quantidades de elementos químicos provocando os primeiros desastres ambientais. Embora concordassem com o fato de isto constituir um perigo, as indústrias e fábricas sempre foram construídas mais perto da população mais pobre, com menos voz para se proteger dos malefícios dos produtos químicos.

A Revolução Industrial do século XVIII e a revolução dos transportes e comunicação do último quarto do século XIX, que permitiu a expansão imperialista, colonização e conquista completa do mundo, provocaram um ponto de inflexão na relação do ser humano com a natureza. A pilhagem foi espetacular, ao lado da destruição dos povos pré-capitalista, com a exploração maciça de milhares de assalariados da indústria nascente. (FOLADORI, 2001,p.110)

Essa lógica economicista levou a uma corrida para as riquezas, e fez do homem o construtor da tecnologia¹, que oferecia soluções instrumentais para maior eficiência em explorar, em conhecer, em subsidiar experiências com o conhecimento científico, e essa ciência embutida numa racionalidade instrumental, embasada no capitalismo.

De mãos dadas com a destruição da natureza, o crescimento do capitalismo produziu efeitos sobre a própria espécie humana. Substituindo o antigo trabalho servil e de produtores independentes pelo trabalho assalariado, com o surgimento de um modo de vida de aglomerações, sobreexploração, enfermidades profissionais e novas epidemias. Criou pela primeira vez na história, uma população excedente a sua produção, como modalidade

¹ Compreende-se tecnologia como todos os instrumentos que são fabricados pela mão ou inteligência do homem, para estender e melhorar suas ações.

regular e que o sistema auto-reproduzia. Recriou vetustas formas de exploração no trabalho, como a escravidão negra no sul dos Estados Unidos. E avançou sobre o globo terrestre submetendo as sociedades pré-capitalistas à órbita do capital, com o que conduziu à destruição tendencial da diversidade cultural. Mas esse duplo efeito da industrialização capitalista sobre a própria espécie humana e sobre o restante da natureza raras vezes foi contemplado em sua interconexão mais profunda, como fruto de um mesmo processo e idênticas causas. Antes, prevaleceram os interesses econômicos e sociais que fizeram surgir movimentos conservacionistas e românticos de defesa do meio ambiente, que esqueceram que os povos subjugados e as classes exploradas e oprimidas também faziam parte do ambiente. (FOLADORI, 2001, p110)

Até então, o homem fundou seu conceito de ambiente naquele que proporciona riquezas, embasa a vida, a qualidade de vida, e, mesmo subjugando outros povos, ficou com a certeza de que não precisava dividir nada, nem o conhecimento.

Mas que conhecimento? Essa racionalidade instrumental, pensar como modificar, como extrair, retirar, como produzir mais, como interagir com a Terra fazendo dela um eterno provedor, o almoxarifado. Tudo aquilo que se precisa retira-se de lá. Mas só alguns têm acesso a riquezas, porque os recursos naturais são finitos e são utilizados para proporcionar qualidade de vida somente para os que têm acesso, uma senha. Existindo assim "uma contradição entre o mundo finito em materiais e uma sociedade consumista e de crescimento ilimitado" (FOLADORI, 2001, p.16). Essa sociedade formada pelos homens que vivem o progresso, o desenvolvimento, e o crescimento sem limite.

Esses conceitos têm de ser repensados, pois o ambiente não é um provedor eterno. Chegou-se ao limite da extração e movimentação de recursos na Terra, é insustentável o modelo de atuação e uso do meio que o homem mantém, sempre se instrumentalizando, progredindo. Se esse modelo perpetuar, os recursos acabarão logo, a desejada qualidade de vida não será possível nem mesmo para quem hoje a possui.

É por esta urgência em rever o desenvolvimento conquistado até agora que

se tem de repensar a racionalidade instrumental e o ambiente, construindo um Saber Ambiental.

O saber ambiental emerge do espaço de exclusão gerado no desenvolvimento das ciências, centradas em seus objetos de conhecimento, e que produz o desconhecimento de processos complexos que escapam à explicação dessas disciplinas. Exemplo disto é o campo das externalidades na qual a economia situa os processos naturais e culturais, e inclusive a inequívoca distribuição da renda e a desigualdade social gerada pela lógica do mercado e pela maximização de benefícios a curto prazo (LEFF, 1998, p.145-146).

Assim, neste estudo, o ambiente é visto como *complexo* agrupando e valorando diversos tipos de saberes, não apenas do conhecimento científico e da razão instrumental. Não há negação destes conhecimentos, mas uma tentativa de incorporá-los e reconstruí-los a partir da própria lógica agregada à consciência da urgência de uma nova forma de relacionamento com o mundo. Ou seja, “O ambiente emerge como um saber reintegrador da diversidade, de novos valores éticos e estéticos e dos potenciais sinérgicos gerados pela articulação de processos ecológicos, tecnológicos e culturais” (LEFF, 2002, p.17).

A interação do ser humano com o planeta se deu experimentalmente, em tentativas de acerto, e funcionou, a descoberta do fogo, por exemplo, não se deu com padrões de segurança, os acidentes fizeram com que a postura do homem se transformasse, assim o homem foi conquistando o mundo e agora emerge a necessidade de repensar essa conquista. Essa conquista agora objetiva a sustentabilidade.

O princípio da sustentabilidade surge como uma resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade produtiva, fundada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização a partir da diversidade cultural do gênero humano. Trata-se da reapropriação da natureza e da reinvenção do mundo; não só “de um mundo no qual caibam muitos mundos, abrindo o cerco da ordem econômica-ecológica globalizada (LEFF, 1998, p.31).

Agir sustentavelmente é atuar de forma a não prejudicar a humanidade contemporaneamente nem o seu futuro, mantendo reservas de recursos para o

sustento das futuras gerações. Há necessidade também de se conservar recursos, mesmo que sua utilidade seja desconhecida, pois pode chegar um dia em que haja conhecimento sobre esses recursos, elementos naturais ou substâncias provindas deles, de forma a poder-se utilizá-los em benefício do meio social e ambiental.

Quando se evidencia o sustentável para o meio sócio ambiental ressalta-se a idéia que se está guardando, economizando a natureza para poder usá-la mais tarde. Quem está poupando nesse caso é o homem, e poupando em benefício do social, meio em que vive, mas é bom verificar que existe a possibilidade de agir para a sustentabilidade do meio ambiente, que é seu meio natural. Ora, o homem foi gerado pela natureza e colhe frutos da natureza para a vida, forma conhecimento a partir dos instrumentos produzidos a partir dos elementos naturais. O meio ambiente proveu tudo o que foi conquistado até agora, deve-se trabalhar pela sustentabilidade deste meio pelo valor que tem como gerador e mantenedor das possibilidades para os homens e para todos os outros seres vivos.

Afinal, se a humanidade fosse extinta, quer por uso de armas e bombas, quer por uma catástrofe externa como um meteóro, o planeta Terra se reconstituiria como meio natural, não como se vê hoje, mas a vida natural iria continuar, sendo assim é de se concluir que a vida natural é que sustenta a vida do homem, e não ao contrário. Sendo então da responsabilidade do próprio homem agir de forma sustentável consigo mesmo, com seu meio social e ambiental. Para que os valores que este homem possui sejam perpetuados, com responsabilidade ética sobre o meio.

Ética é uma atitude diretamente relacionada ao futuro, se o desejo do homem não fosse manter a vida, ou sua qualidade desta não haveria a ética ou outro valor inerente ao ser humano que desejasse perpetuar, prosperar.

Essa ação *sustentável*, com a responsabilidade ética determina a necessidade dos homens de um 'saber ambiental', um saber lidar, trabalhar com o ambiente, sentindo a interação do meio e do homem, percebendo as ações do homem propiciadoras de reações do meio para com este mesmo, e para com o homem.

A responsabilidade ética seria marcada pela atenção aos diversos atos cotidianos, como a escolha e utilização dos materiais a serviço dos homens e principalmente ao descarte desses materiais e resíduos.

Neste estudo foi observado o comportamento da comunidade acadêmica do curso de Artes Plásticas em relação ao material que utilizam dentro das oficinas. Ainda que nem todos os materiais usados pelo homem sejam tóxicos, ou seja: agressivos à vida, eles podem ser considerados poluentes, já que ocupam áreas com seu volume, mudando a estética ambiente sem nenhuma funcionalidade. Desta forma, qualquer elemento ou resíduo pode se tornar poluente se descartado em locais inapropriados. Ou seja, o poluidor, o indivíduo que sem uma atitude ética pratica um descarte irresponsável, é quem determina que material será ou não poluente. Paulo Affonso Machado anota que:

Não se aprecia subjetivamente a conduta do poluidor, mas a ocorrência do resultado prejudicial ao homem e seu ambiente. A atividade poluente acaba sendo uma apropriação pelo poluidor dos direitos de outrem, pois na realidade a emissão poluente representa um confisco do direito de alguém em respirar ar puro, beber água saudável e viver com tranquilidade.²

Os materiais utilizados nas oficinas do curso de Artes Plásticas são variados. Os docentes e discentes apontam por meio dos questionários e entrevistas os seguintes materiais: cerâmica, verniz, caixa de breu, ácido (ácido nítrico, ácido clorídrico e cloreto férrico), terebentina, gesso, revista, querosene, tinta óleo, tinta

²<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./urbano/index.html&conteudo=./urbano/poluicaovisual.html>

acrílica, tinta pra impressão, revelador, fixador, jornal, estopa, papéis, pedra sabão, garrafas plásticas, durepox.

São considerados resíduos tóxicos (...), tintas e solventes,(...) produtos químicos, as substâncias não biodegradáveis [que] estão presentes nos plásticos,(...). O cádmio, níquel, mercúrio e chumbo são os principais contaminantes. A separação adequada desses materiais é muito importante para evitar a contaminação do solo e dos lençóis freáticos. [deveria acontecer] (...). Os materiais que podem ser reciclados são encaminhados a Centrais de Tratamento específicas. Os (...), restos de tinta e verniz(...), ficam armazenados no aterro industrial em condições adequadas, para evitar a contaminação do meio ambiente. Esses resíduos são tratados por meio de encapsulamento.³

No relato dos professores e alunos e nas observações feitas constatou-se que os resíduos vão para o lixo comum, não apresentando coletores seletivos, nem para os resíduos tóxicos, bisnagas de chumbo, potes de vidro, plástico, tinta, estopa, pó de pedra sabão, pó de cerâmica, (silica e alumina) ou, no caso dos ácidos são jogados diretamente pelo ralo da pia, sem neutralização prévia. Ou seja, o descarte não é feito com separação, neutralização ou isolamento de materiais. Nos coletores que a instituição oferece, e no hábito adquirido durante os quatro anos de academia os valores ambientais são mostrados. Ora, “Os valores ambientais se inculcam através de diferentes meios (e não só através dos processos educacionais formais)” (LEFF, 2002, p.244).

Aqui seguem algumas sugestões do que poderia ser feito com esse material de modo mais sustentável, para isto, é pressuposto que a instituição deva oferecer coletores seletivos.

Para os ácidos o ideal é que aconteçam medidas internas ” As técnicas para tratamento de resíduos (...) são muitas vezes chamadas de medidas internas e que servem para pré-tratar os resíduos ou, em situações particulares, até podem servir de tratamento final.” (BORGES, 2003, p.27), o objetivo é ajustar o pH, ou seja, deixá-

³<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=residuos/index.php3&conteudo=./residuos/residuos.html>

lo neutro, essa neutralização vai produzir um líquido, o sobrenadante, e uma pasta, a qual pode ser co-processada, e o líquido pode entrar na rede de esgoto.

Todos os solventes inflamáveis orgânicos como: tinta óleo, gesso, terebentina, verniz, cera, querosene, deveriam ser encaminhados para o co-processamento.

Resíduos de cêra acrílica, resina, tinta acrílica, devem ser enviados para aterro Classe I, para tratamento e resíduo final. As bisnagas de chumbo das tintas devem ser também separadas dos outros resíduos e são altamente tóxicas para o meio ambiente. As argilas devem ser reidratadas e reutilizadas.

É fundamental apontar que essas medidas são sugestões para minimizar o impacto causado pelo descarte de materiais, uma vez que o tratamento de resíduos não anula todos os poluentes, o co-processamento modifica os materiais, e essa transformação também gera outros resíduos, como os gases produzidos pela queima

É importante notar que no mercado já existem produtos como a “ecotinta”, que não deixa de ser poluente, mas comparada com as tintas clássicas, deixam menor resíduo volátil por exemplo, de qualquer forma essas tintas são fabricadas para uso no atacado e não em potes menores e bisnagas podendo ser utilizadas como material expressivo.

3 Formação do profissional em artes plásticas:

O estudo das interações entre professores e alunos do curso de artes plásticas e o ambiente sócio-cultural exige uma análise das práticas curriculares que envolvem a formação humana. Assim, este capítulo apresenta uma reflexão a respeito de aspectos relevantes do currículo proposto, pensado pelo corpo docente do curso, e do currículo em ação.

Cabe ressaltar que, neste ano de 2004, está sendo desenvolvido um trabalho para que aconteça a reformulação do curso de Educação Artística, que passaria a se chamar Artes Visuais, uma vez que, segundo a coordenação atual do curso, os profissionais formados atuam em diversas áreas.

Ainda que a profissionalização imediata que o curso oferece, diga respeito à preparação de professores de arte para a Educação Básica, existem outras possibilidades de inserção no mercado. Hoje temos ex-alunos atuando em diferentes posições: museus, atelieres de arte, funcionalismo público, escritórios de publicidade e design, empresas de eventos, agências de Turismo, ONGs , ou como artistas plásticos.⁴

Vê-se nesse discurso que os professores querem profissionalizar um cidadão, capaz de interagir com a sociedade e em benefício dela, e a comunidade acadêmica acredita que a Arte pode funcionar como propiciadora da formação. Afinal, a arte, por sua natureza vanguardista, costuma estar à frente do seu tempo. Por sua linguagem analógica e direta, através de suas formas de expressão, ela sensibiliza o indivíduo.

Ainda com respeito à atitude criadora, pode-se afirmar que ela se constitui num ato de rebeldia. Constitui-se num ato de rebeldia na medida em que o criador deve negar o estabelecido, o existente, para propor o novo. O novo surge a partir de um descontentamento com relação ao estabelecido. Nesses termos qualquer ato criativo é sempre subversivo, pois visa a alteração, a modificação do existente. (DUARTE JR., 1985, p. 54)

⁴ Trecho extraído do site: <http://www.artes.ufpr.br/artes/index.htm> , acessado em 10 de agosto de 2004.

As alterações curriculares que estão sendo propostas seguem a lógica da formação dos alunos para a criação e a subversão do existente, da crítica a sociedade, assim a necessidade do curso de mudança deve-se a insatisfação do corpo docente e discente das formas já estabelecidas.

3.1 Currículo de arte e meio sócio ambiental:

O estudo do currículo formal do curso demonstra que 35 % da carga-horária efetiva de aula dos alunos é preenchida por aulas práticas; 59 % da carga-horária é composta por aulas teóricas e 6 % por atividades de estágio, como demonstra o quadro abaixo. Cabe ressaltar que das 740 horas de aulas práticas, 400 horas referem-se às oficinas, sobre as quais este estudo se debruçou. O Quadro 1 apresenta um resumo do número total de aulas do curso, de acordo com a sua natureza. A descrição detalhada da grade horária do curso, incluindo os títulos e a quantidade de aulas por disciplina, pode ser encontrada em anexo.

Quadro 1: Carga-horária total das aulas do curso de Artes Plásticas, segundo sua natureza (teórica, prática ou estágio)	
Aulas	Carga-horária do curso
Teóricas	1.260 h
Práticas	740 h
Estágio	120 h
Total	2.120 h

Fonte: informações contidas em http://www.artes.ufpr.br/artes/grade_plasticas.htm

Para os objetivos deste estudo, optou-se pela realização da análise e entrevista com professores e alunos das disciplinas chamadas de oficinas, que apresentam carga-horária prioritariamente prática, uma vez que estas trabalham

diretamente com a utilização de materiais expressivos, e isso inclui produtos químicos que geram resíduos. As aulas práticas das oficinas correspondem a 20 % da carga-horária total do curso de Artes Plásticas, o que representa uma quantidade significativa do tempo destinado à formação dos alunos.

Na UFPR, o curso de arte inclui em seu currículo disciplinas com carga horária teórica e prática. Atualmente são oferecidas as seguintes oficinas: Oficina de Desenho I, Oficina de Desenho II, Oficina de Desenho III, Oficina de Gravura, Oficina de Expressão em Volume A, Técnicas e Materiais Expressivos, Oficina de Fotografia, Oficina de Pintura I, Oficina de Pintura II, Oficina de Escultura, Processos de Produção Gráfica, Oficina de Cerâmica.

O estudo das ementas das oficinas demonstra que as mesmas possuem um caráter tecnicista. As ementas não apresentam discussões a respeito do ciclo dos materiais, desde a extração até a decomposição dos mesmos; na Oficina de Gravura I, por exemplo, a ementa inicia com o conteúdo: *'corte de madeira de fio e o corte de madeira de topo'* visando já a experiencição com o ato técnico, não mencionando a ação expressiva, mas a 'leitura' desse material.⁵

Evidentemente, a ementa não encerra todo o conteúdo e conhecimento abordado durante as aulas, por isso o cotejamento entre as ementas e as entrevistas é fundamental para que a análise não se torne superficial. O professor dessa disciplina Gravura I, relata que o meio sócio ambiental é abordado *'esporádica e pontualmente em alguns casos, mas não de modo global.'* (Professor, entrevista realizada em agosto de 2004). Percebe-se portanto, que as discussões sobre a origem do material, seu uso, destino final e suas características poluentes podem aparecer nas oficinas, mas não direta e intencionalmente.

⁵ As ementas pesquisadas estão contidas no anexo A

O ementário da oficina de Expressão em Volume - A relaciona, entre outros, os tópicos *forma e espaço*. Contudo, esse espaço é o espaço onde estará o volume do objeto a ser criado, não é o espaço natural, ou o espaço modificado pelo homem, o que indica que o estudo sobre o espaço não engloba o meio sócio ambiental como um todo. O professor dessa disciplina relata que sabe *'que vários professores se preocupam com o assunto'* (Professora, entrevista realizada em agosto de 2004), demonstrando que o debate acerca do meio sócio ambiental depende individualmente de cada docente e, portanto, encontra-se afastado dos conteúdos formais da oficina.

Já na Oficina de Cerâmica, a ementa curricular é apresentada em forma de itens, com estágios realmente tecnicistas. Nela vêem-se: aspectos históricos, análise dos argilo minerais, processos básicos de construção, e outros pontos; já o que o professor relata é uma preocupação com todos esses materiais *"Enquanto professora, me sinto responsável em alertar e preparar o alunado para trabalhar eticamente o meio ambiente, para trabalhar com cuidado em relação a todos os tipos de recursos."* (Professor, entrevista realizada em agosto de 2004) Isso mostra no currículo em ação de sua disciplina uma real preocupação com o meio e com a formação do *alunado* para cuidar do meio, dos recursos, as entrevistas confirmam a posição do professor, entre elas se lê *"Na aula da ..., Técnicas e Materiais [existe abordagem do meio ambiente] "*.

Essa mesma professora ministra as oficinas de técnicas e materiais expressivos, e o ementário dessa disciplina apresenta análise das experiências no campo das artes plásticas entre outros conteúdos, que demonstram a inexistência de correspondência total entre o currículo previsto e o currículo em ação. As diferenças entre o que é planejado e o que é realizado nas práticas educativas foram

bastante estudadas por SACRISTÁN (2000), que explica tais fenômenos pelas características próprias da ação escolar, que dependem da interação entre os indivíduos, as aprendizagens e as experiências anteriores, da forma como cada aula é construída e conduzida.

A análise do currículo formal do curso de Artes Plásticas permite concluir que o mesmo se encontra defasado no formato e nos conteúdos que prevê para as oficinas, uma vez que está pautado, sobretudo, em métodos e técnicas de expressão. Esta constatação explica em certo sentido a necessidade de revisão curricular apresentada pela coordenação do curso. As discussões do novo currículo prevê uma maior referência e serviço à sociedade, visto que o corpo docente já considera a formação para a atuação do profissional em Artes Visuais.

Os estudos sobre currículo consideram que “o currículo há muito tempo deixou de ser apenas uma área meramente técnica, voltada para questões relativas a procedimentos, técnicas, métodos.” (MOREIRA E SILVA, 1994, p.17). É inerente a importância das ações curriculares na formação profissional e pessoal dos estudantes, o que confere grande responsabilidade aos atores sociais que definem o que deve e o que não deve ser incorporado ao curso.:

Considerando que o currículo se constrói e se reconstrói de acordo com reflexos dos valores da sociedade em diferentes momentos, ressalta-se agora um despertar, ainda que tímido, para os saberes ambientais, pois a sustentabilidade está sendo visada em toda a Terra. Estão ocorrendo novos congressos e discussões sobre o presente, repensando o futuro da interação entre o homem e o meio. “Os problemas ambientais tomaram uma primeira importância desde que foram difundidos ao mundo por ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, celebrada em Estocolmo em 1972” (LEFF, 2001, p.89)

Essa conferência surgiu da crise apontada como ecológica, que se deu quando a escassez de recursos associada à degradação ambiental e à racionalidade econômica da civilização moderna. Esse fenômeno de escassez só foi apontado no final dos anos 60. “O discurso do desenvolvimento sustentável foi sendo legitimado, oficializado e difundido amplamente com base na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento celebrada em 1992.” (LEFF, 2002, p. 16)

Na percepção dessa crise ecológica foi sendo configurado um conceito de ambiente, como uma nova visão do desenvolvimento humano, que reintegra os valores e potencialidades da natureza, as externalidades sociais, os saberes subjugados e a complexidade do mundo negados pela racionalidade mecanicista, simplificadora, unidimensional e fragmentadora que conduziu o processo de modernização (LEFF, 2002, p. 17)

Ora, os materiais utilizados na faculdade de artes são todos extraídos do meio ambiente. Saber que valor este meio tem, o que representa culturalmente para esta ou aquela comunidade, o que pode ou não ser devolvido ao meio e quais são as conseqüências da devolução desses *resíduos* é fundamental para uma interação sustentável dos professores e estudantes de artes plásticas com o ambiente.

“O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.” (SILVA, 1996, p.83) Nas falas dos professores, percebe-se que algumas dessas discussões a respeito da ação do homem sobre o meio estão sendo incorporadas às disciplinas, mesmo que isso não se efetive de forma planejada e intencional.

As entrevistas dos alunos confirmam a posição dos professores, os discentes reconhecem no professor quando esse tem preocupação com os recursos e descarte.

Considera-se nesse trabalho a visão de um meio ambiente complexo, como citado no capítulo1, também é ressaltada a necessidade de inclusões de ações ambientalmente sustentáveis. Para isso, é necessário se deparar e reconstruir conceitos do cotidiano da comunidade de professores e estudantes de Artes Plásticas da UFPR.

3.2 Entrevistas:

Cinco professores ministram as oficinas ofertadas pelo curso. Foram feitas oito perguntas a cada professor. Nas respostas obtidas às questões feitas na pesquisa procura-se determinar em que situação os docentes se encontram frente ao meio.

Entre as respostas obtidas diante da pergunta “Para você o que é meio ambiente?”, obteve-se as seguintes respostas:

“É tudo o que nos rodeia. É o contexto físico. Podemos entendê-lo numa perspectiva restrita, ou seja, aquele ambiente no qual vivemos; aquele que é o mais imediato. Mas também podemos entendê-lo num sentido mais amplo, por exemplo, o planeta Terra. São sistemas, com graus de complexidade diferentes, que interagem entre si.”

“O meio ambiente compreende tudo o que nos circunda, os elementos naturais e nossas interferências humanas também. É um equilíbrio delicado.”

“É o entorno e o compromisso que nós temos com o Planeta Terra. Compreendo como micro e macro.”

“Meio ambiente é o espaço que a gente vive, transita, seja ele urbano ou natural. (onde acontecem) relações espaciais, temporais e interpessoais.”

“É o espaço onde vivemos e desenvolvemos nossas atividades. Nossa saúde e bem estar é função deste espaço.”

Nas respostas de todos os professores está embutida a compreensão de meio como o externo ao ser humano “o que nos rodeia”, “o que nos circunda”, “É o entorno”, “é o espaço que a gente vive”, “é o espaço onde desenvolvemos nossas atividades” como se fosse uma ‘coincidência’ os seres humanos viverem neste espaço, não mostra exatamente uma interdependência entre o homem e o meio, já no desenvolvimento das respostas os professores consideram esse fator, mas

verifica-se que ainda não incorporaram a vida humana como dependente deste meio. Um professor aponta a sua funcionalidade *“Nossa saúde e bem estar é função deste espaço.”*, pode-se ler aqui que o meio está para servir o homem.

Já nesses trechos, *“É o contexto físico”, “os elementos naturais e nossas interferências humanas também”, “seja ele urbano ou natural, (onde acontecem) relações espaciais, temporais e interpessoais”*, se vê a vida humana existindo no espaço físico, até as relações sociais existem nesse espaço, já nos elementos naturais apontado numa resposta, não é mostrada a sobrevivência vinda desses elementos, ou ainda, interdependência do homem através desses.

Assim mesmo algumas respostas deixam transparecer a concepção mais abrangente do meio sócio ambiental como um todo: *“São sistemas, com graus de complexidade diferentes que interagem entre si”, “o compromisso que nós temos com o Planeta Terra. Compreendo como micro e macro.”*, *“compreende tudo ...É um equilíbrio delicado”*, essas respostas porém mostram que a concepção de um todo não está bem definida, não tendo firmeza na resposta, é uma resposta instintiva, expressiva, mostrando a sensibilidade desses professores que ‘captam’, recebem as informações do mundo não só de forma científica e acadêmica, mostrando o lado do professor acadêmico, mas também intuitivo, mostrando a face do artista de sentir o mundo, captando informações analogicamente.

As respostas dos alunos mostra um acompanhamento da resposta dos professores quanto a mostra de um meio externo, com uma conotação porém, mais ligada a uma perspectiva natural do que social:

“É onde vivo”

“Onde vivemos”

“O meio em que vivemos. ”

“É o ambiente em que vivemos. ”

“Meio onde vivemos. ”

“É o ambiente que a gente vive ”

“É o ambiente a nossa volta, que nos rodeia, ou seja, o meio no qual nos encontramos. ”

“É onde vivemos, estamos, não só nós, mas seres vivos. ”

"É tudo que está em nossa volta. Tudo de natural."

"É o meio em que estamos inseridos, do qual fazemos parte. Talvez esteja mais relacionado à natureza."

"Meio ambiente, encaro como a ordem da natureza, que devemos preservar, é o DNA do universo."

"É a natureza"

"É o meio onde nós retiramos matéria prima para vivermos."

"É um lugar muito bom, com muita natureza, lugar onde respiramos ar puro sem poluição."

"O meio ambiente é o conjunto de elementos que compõem a vida no planeta e suas relações. Leva-se em consideração desde os elementos naturais em sua forma mais primária, e sua transformação pelo homem, até elementos complexos, inclusive os dejetos gerados por estas transformações. Os seres vivos em suas diversas escalas se encontram no meio ambiente."

As primeiras sete respostas acima apresentadas mostra o meio como o entorno, primeiro considera-se aonde o homem vive, logo em seguida vem as respostas que mostram além do entorno, a natureza não transformada, como correspondência ao que é o meio, logo aparece "*É o meio onde retiramos matéria prima para vivermos*", mostrando também a funcionalidade, somando-se a resposta de um dos professores. A penúltima resposta, reflete uma retirada do homem transformador de espaços, "*é um lugar muito bom, com muita natureza, onde respiramos ar puro sem poluição.*", e a última resposta apresenta a vida e as transformações do homem embutidas no meio.

Da questão "De que forma o meio sócio ambiental é abordado dentro do curso?" lê-se as afirmações dos docentes:

"No curso de artes chamamos a atenção para criatividade e meio social. A criação artística pode ser um meio de reflexão e crítica social."

"Eu acho que ele é abordado de um ponto de vista profissional, mais sócio que ambiental." "É mais apropriado no aspecto social, o sócio ambiental é a mesma coisa, a visão, o nosso ambiente é o social."

"Enquanto professora, me sinto responsável em alertar e preparar o alunado para trabalhar éticamente no meio ambiente, para trabalhar com cuidado em relação a todos os tipos de recursos."

"Penso que é abordado esporádica e pontualmente em alguns casos, mas não de modo global."

"Não existe uma disciplina formalmente colocada no currículo para abordar este tema. No entanto, eu sei que vários professores se preocupam com o assunto e dentro do programa de suas disciplinas, acabam por abordá-lo."

Efetivamente o meio foi visto como o que trabalham os docentes, eles mesmos apontaram a visão dentro do curso declarando "*o nosso ambiente é o*

social”, “não [é abordado] de modo global”, “meio de reflexão e crítica social”, *de modo formal não é colocado*”; A parte que cabe ao homem inserido nesse meio é valorizada quando se resume que “*o nosso ambiente [do curso de artes plásticas] é o social*”, e este social está dissociado da primeira resposta o que é meio ambiente. No imaginário desses professores e na atuação deles nas oficinas o social – composto por homens, não possui dependência do meio físico ou natural, ou ainda, interdependência entre o meio e o homem.

Um dos docentes responde “alertar e preparar o alunado para trabalhar éticamente no meio ambiente, para trabalhar com cuidado em relação a todos os tipos de recursos.”, mostrando uma abordagem direta em relação ao meio ambiente, e segue-se neste texto essa visão objetiva confirmada pelos alunos.

Somando-se a resposta dos professores que enfatiza o meio social, quando a mesma questão é dada para os discentes, as respostas variam, mostrando que essa abordagem sócio crítica não é exibida de forma explícita pela maioria dos professores, cada aluno pontua o que sente de meio ambiente no curso, alguns como os as duas primeiras respostas abaixo apresentadas, associam a matéria de Técnicas e Materiais expressivos onde mostra que a professora é mais engajada com o discurso sócio ambiental, outros como da terceira a sétima respostas pontuam como reutilização e reciclagem de materiais, e as outras respostas mostram como o que é informação vinda de outros meios que os professores do curso, como palestras, slides, visitas e vídeos como a abordagem do meio ambiente dentro do curso.

“Fora a confraternização com os colegas, algumas matérias trabalham com orgânicos ou reciclados, a aula da Marília de Técnicas e Mat. Expressivos.”

“Eu acho que quando vai alguém falar sobre reciclagem sobre cerâmica(palestras da Carla Mocelin, e do Antonio Arnen, este trabalha com colagens de tudo). Em Ponta Grossa tem 30 tons de terra. Na aula da Marília, Técnicas e Materiais. A Tânia quer levar a galera numa fábrica de reciclagem de papel.”

“O meio sócio-ambiental é abordado no sentido do reaproveitamento de materiais.”

“Nós aprendemos a economizar papéis e reciclá-los.”

“Coscientização sobre reciclagem.”

“Em algumas aulas somos orientados para melhor reaproveitar resíduos.”

“Reutilização de materiais e conscientização.”

“A gente utiliza praticamente quase nada.

“Quase nada, só como questionamento, nenhuma matéria.

“É uma coisa que está inserida no âmbito das artes.(faz parte)

“Depende do professor e da matéria, Em alguns que tem uma abordagem bem mais social, outros trabalham enfocando mais a preservação do ambiente, é relativo.”

“Os cursos de extensão, o meio artístico engloba a política econômica.No sentido do mercado e da discussão.”

“O curso trabalha com materiais humanos e organicos; o meio socio ambiental está incluso em todo o curso.”

“Não sei se o tema sócio-ambiental é abordado. Talvez, em diciplinas mais prátiicas, com a utilização e importância das madeiras, por exemplo.”

“Visistas de especialistas, vídeos, slides, palestras.”

“Praticamente não é abordado; com exceção de um ou outro professor que se preocupa e/ou possui conhecimento de como reciclar o material que estamos utilizando, ou ainda como proceder ao jogar fora determinados tipos de material que podem ser poluentes. Ou de onde vem o material que estamos utilizando, e se existem fontes de reserva na natureza, a respeito de determinado material; ou se estamos causando algum dano à natureza.”

Sob a pergunta “Você acredita que o corpo discente, docente e funcionários do seu curso devem conhecer métodos mais sustentáveis de uso e descarte de materiais?”, obteve-se as seguintes respostas:

“Eu acho e acho que isso não é necessariamente por falta de sensibilidade do corpo [docente], mas pela necessidade de constante atualização. “

“Acho que é muito necessário.”

“Com certeza, é necessário uma consonância entre todas as instâncias e que efetivamente consigamos melhorar a qualidade de vida no planeta. Lembro Leonardo Boff quando nos alerta que é necessário ‘saber cuidar’.”

“Penso que se deva conhecer métodos mais sustentáveis, porém acredito que isso deva fazer parte de uma política institucional (há órgãos na UFPR que deveriam cuidar disso)”

“Sim. Temos esta preocupação e no currículo novo de Artes Visuais, que será implementado em breve, haverá uma disciplina específica para lidar com a toxicologia dos materiais e procedimentos de segurança quanto ao meio ambiente e com as pessoas que manipulam materiais tóxicos.”

Todos os professores demonstraram que o conhecimento de métodos mais sustentáveis seria positivo para o curso, um por “*necessidade de constante atualização*”, outra por “*uma consonância entre todas as instâncias*”, também existe a exigência de que essa capacitação deva “*fazer parte de uma política institucional*”, e a resposta “*haverá uma disciplina específica para lidar com toxicologia dos materiais e procedimentos de segurança quanto ao meio ambiente.*” torna a valorizar o professor de toxicologia como aquele que domina com especificidade as

formas de uso e descarte de tóxicos, retirando da responsabilidade do atual corpo docente atitudes e informações a respeito desse saber ambiental. Ao mesmo tempo em que neste corpo, os professores estão abertos a receber esse tipo de instrução e não se recusariam a receber informações independente de onde esse conhecimento provenha.

As respostas dos professores a “Onde é feito o descarte desses materiais?”

“No sistema de esgoto do prédio.”

“Normalmente não tem material de sobra, os alunos reciclam em outras obras, desmontam e voltam a utilizar. Raramente usam solúveis em água, tem tanques de descarte e tem lixeira para papel.”

“Em sala de aula existe lixo, lá [na sede do curso] não é feita a separação.”

“Alguns materiais não sofrem descarte, pois são agregados aos suportes (no caso das tintas para pintura). Alguns resíduos (jornais sujos de tinta e querosene) são jogados no lixo.”

“No lixo da Universidade e pelos alunos, quando estão em suas casas.”

Foram todas diretas apontando que o descarte era feito no lixo sem separação, ou no sistema de esgoto, sem tratamento prévio. As respostas dos alunos podem ser vistas nos anexos B, mas não existe variante, ou seja, os resíduos são abandonados como não constituintes de algo significativo depois do uso em oficina. Desaparece para o artista/professor ou para o educando; pois é descartado, desconsiderado, não tendo utilidade se torna apenas detrito.

3.3 Representação pessoal e espacial das oficinas:

A realização da pesquisa evidenciou que, embora o esgoto e os contenedores para descarte constituam o espaço físico das oficinas, a comunidade não os percebe como parte do meio sócio ambiental. Muito provavelmente, este ponto de vista pode vir a ser modificado com informação, mas até a época desta pesquisa esses docentes não haviam despertado para a associação do social com o natural, que intervêm no instrumental, no tecnológico, no construído e no descartado. Que refletem, por sua vez, a concepção de vida e ambiente vigente.

Essa comunidade concebe esse descarte, não reconhece esse detrito sendo assim acaba por poluir. “Quando os valores de uso perdem sua utilidade, a materialidade da qual são compostos se converte em detrito, e, eventualmente em poluição.(...) Na depredação e poluição poderíamos englobar as principais manifestações da crise ambiental.”(FOLADORI, 2001, p 90).

Um pouco dessa perda de utilidade está entranhada na forma de trabalho distante da natureza, ou seja, o acadêmico não participa da extração e feitura de materiais desde seu estado bruto até sua inserção no trabalho expressivo, não incorpora o ciclo histórico de produção deste objeto e assim como vê o material pronto para trabalhar, vê os resíduos do trabalho ‘sumirem’. Estando assim distante da interdependência do meio ambiente natural, com o meio social que ele mesmo se enxerga viver e atuar.

Nas ementas dos currículos das disciplinas de artes plásticas não se exhibe nenhuma preocupação com o resíduos dos materiais utilizados, tampouco referem-se a esses materiais como *tóxicos*. Já no currículo em ação, conferido através das entrevistas com os professores das disciplinas, existe uma preocupação com a forma de descarte. Porém, os docentes não têm fácil acesso a este tipo de informação e têm que estudar para aprimorar seus conhecimentos acadêmicos e pedagógicos, restando-lhes pouco tempo para refletirem sobre como seria interessante esse tipo de descarte.

“Nos cursos de formação nas universidades, raros são os laboratórios e oficinas para o aprendizado prático equipados para receber e processar resíduos dos materiais utilizados antes do descarte” (Professora Marisa Borges, entrevista em agosto de 2004). Também é possível notar que, sendo as diretrizes para a

sustentabilidade do planeta assunto recente, não existe fiscalização dentro das instituições federais.

Ocorre que há uma generalizada falta de fiscalização com pequenos produtores de resíduos: “As agências estaduais de proteção ambiental não fiscalizam os pequenos geradores de resíduos, tais como instituições de ensino e pesquisa, laboratórios prestadores de serviço...” (BORGES, 2003, p.42). Não se deve esperar, portanto, que as universidades, especialmente as federais, tenham este tipo de controle.

Além da falta de fiscalização, os professores, mestres e doutores que lecionam na universidade atêm-se à transferência de conhecimento restrito à sua própria disciplina, sendo já de grande proveito quando passam informações sobre os materiais e modo de uso para proteção da saúde física dos estudantes que os utilizam. Porém, deixam de instruir quanto a uma possível agressão ao meio ambiente, mesmo porque não receberam informações diretas de como descartar de forma menos agressiva diversos tipos de resíduos.

Percebe-se que o corpo docente do curso de artes plásticas possui uma preocupação saudável em relação aos processos de atualização e formação continuada. Os professores são artistas plásticos, especialistas, mestres, mestrandos, doutores ou doutorandos, todos na área de educação e da arte. Através das entrevistas pode-se afirmar que existe interesse no aprimoramento e no benefício da sociedade. Tanto é assim, que o corpo docente trava discussões a respeito da educação e do aperfeiçoamento do curso.

No entanto, conceitos de sustentabilidade, ambiente e ética ainda não foram absorvidos por estes profissionais. É possível construir algumas hipóteses explicativas para esta situação. Primeira: é provável que os professores estejam

mais interessados em processos formativos voltados para sua área de conhecimento específico; depois, a inexistência de farta bibliografia a respeito do assunto pode dificultar o acesso dos profissionais que não estão diretamente vinculados ao estudo do ambiente; e finalmente, a problemática ambiental constitui-se em uma área epistemológica ainda em formação e, portanto, não existiu tempo suficiente para esse conhecimento fosse sistematizado e absorvido por esses professores que têm se dedicado ao estudo das Artes e da pedagogia.

Os alunos e professores, através das entrevistas, mostraram preocupação com o meio ambiente, ainda que as ações observadas na oficina não a demonstrem. Esta diferença entre as falas presentes nas entrevistas e as ações observadas nas atividades desenvolvidas durante as aulas corrobora com a análise de que os cuidados e a preservação não foram de fato incorporadas à cultura, ao modo de vida de alunos e professores. As respostas tanto dos professores quanto dos alunos sobre a necessidade de conhecer métodos mais sustentáveis de uso e descarte de materiais foram todas afirmativas.

O meio ambiente no curso de artes plásticas ainda visto como social, não se mostra como parte integrante e fundamental da vida, elemento para continuidade e possibilidade de construção de um relacionamento menos antropocêntrico e mais equilibrado com a interdependência do homem, do meio natural, do meio construído e do meio social.

“O ambiente, como sistema complexo, articula os valores culturais das comunidades – que definem suas necessidades e valorizam seus recursos para satisfazê-las.”(Leff, 176, 2002)

É provável que, quando a comunidade acadêmica incorporar esse *novo* conceito de meio, que abrange todos esses aspectos, será atuante um currículo que

não deixe de colocar a Arte e suas linguagens na posição que já ocupam, e ao mesmo tempo aprecie o saber ambiental, de maneira que ele não seja mais ignorado ou negligenciado por falta de informação.

“O currículo é, assim, um terreno de produção e política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria prima de criação, recriação e sobretudo de contestação e transgressão.” (SILVA, 1996, p. 90) Desta forma, o currículo pode tornar-se o espaço e o tempo adequados para a construção de um novo modo de vida, de novas formas de interação com o ambiente, de formação humana.

O currículo formal deste curso, que apresenta os ementários, não consegue abranger e prever todos os objetivos e conteúdos transmitidos em sala de aula. Os professores de arte têm uma forma muito pessoal de conduzir as disciplinas e a observação das aulas permitiu verificar que o currículo oculto é o que realmente aparece para os alunos.

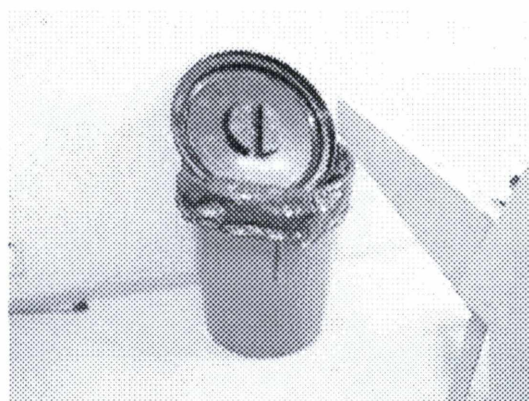
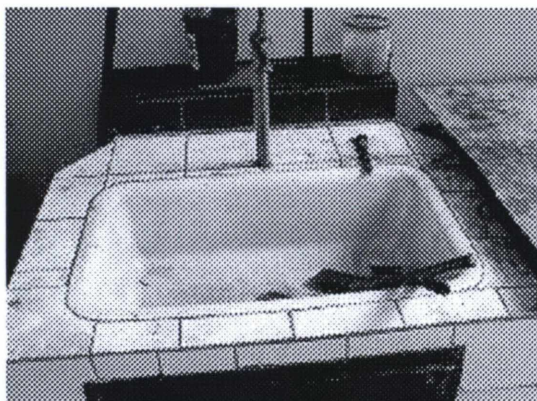
“Mas o que é, afinal, o currículo oculto? O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial [formal], explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes.” (SILVA, 2001, p. 78)

Dessa maneira o que acontece é que o professorado conduz a profissionalização dos acadêmicos com o currículo oculto: “*o currículo é considerado um artefato social e cultural*” (MOREIRA & SILVA, 1996, p.7), nele são transmitidos valores, técnicas, culturas, sentidos, filosofia, pontos de vista e comportamento. No currículo são exibidas críticas e discussões desses valores, técnicas, culturas, em que o discente vai se formar como profissional, e como cidadão.

Assim, o próprio espaço físico em que acontecem as oficinas, incluídas as pias, as lixeiras, os materiais usados para expressão, todos eles estão imbuídos de significado que participam da formação dos futuros profissionais. As relações que se

estabelecem, durante e depois das aulas, entre os sujeitos, espaços e objetos são eminentemente educativas na medida em que ensinam uma forma de ver e viver no mundo.

Para ilustrar, aqui se exhibe fotos da pia que é utilizada para o uso e descarte dos ácidos, e o coletor de lixo para todos os tipos de resíduos.



Fotos da pia para uso de ácidos e do recipiente para descarte de lixo sólido no prédio do curso⁶

As observações realizadas e as fotos exibidas indicam que, por enquanto, as visões do espaço físico e do ambiente social do curso de Artes plásticas são exibidas de maneira conceitualmente fracionada, onde o homem e o meio são vistos como independentes, não se percebe a sua interação, enfim, estão dissociados.

Embora as ações efetivas não demonstrem preocupação com as conseqüências da utilização de materiais poluentes, (como já dito no capítulo I, o descarte não é feito com separação, neutralização ou isolamento dos materiais) a entrevista com a coordenadora do curso menciona a preocupação com a toxicidade dos materiais utilizados quando afirma que, no currículo de 2004, pretende introduzir uma disciplina chamada Toxicologia. No entanto, esta disciplina seria ministrada por um professor não arte educador.

⁶ outras fotos do espaço acadêmico estão no anexo D

A falta de informação sobre as conseqüências desse saber especializado e assim fragmentado faz com que a solução vislumbrada por esse corpo docente venha de fora. Em vez de capacitar os professores do curso a lidar com o material que utilizam para que transmitam essas informações aos discentes, procuram por um 'especialista' de uma outra área.

O que ocorreu até agora foi a falta de informação por órgãos competentes, e nenhuma fiscalização; a formação de uma nova postura em relação ao meio e ao futuro da sociedade foi ignorada dentro deste espaço.

As necessárias informações sobre 'descarte correto', tanto aos docentes quanto aos discentes, dizem respeito à separação do lixo para reciclagem (plásticos, papéis, metais e orgânicos). No entanto, é difícil o acesso a informações sobre descarte dos materiais expressivos quando tóxicos, tanto pela linguagem técnica quanto pela distância dos mundos profissionais.

À medida que existe empenho do corpo docente para a colocação de uma medida curricular que trate da toxicologia, constata-se que na realidade esse corpo está preocupado com a sustentabilidade e acredita que é valorosa a introdução de um saber ambiental para este grupo.

A reorientação da pesquisa, a reelaboração dos conteúdos curriculares e dos métodos pedagógicos, na perspectiva do desenvolvimento sustentável, implicam a construção de um saber ambiental e sua internalização nos paradigmas científicos e nas práticas docentes que prevalecem. (LEFF, 1998, p.203)

O trabalho acadêmico não demonstra qualidade apenas quando transfere conhecimentos de uma disciplina, mas sim quando os conhecimentos dessa disciplina tornam-se aplicáveis na sociedade e de forma ética.

Ao propor novas 'realidades possíveis' a arte permite que, além de despertar para sentidos diferentes, se perceba ainda o quão distante se encontra a nossa sociedade de um estado mais equilibrado, lúdico e estético. A utopia [dentro do trabalho de arte] também é uma forma de tomarmos consciência do atual estado do mundo humano. (...) Pela sua vertente utópica, a arte se constitui, então, como elemento pedagógico fundamental ao homem. (DUARTE JR, 1985, p. 68)

Além disso, a sociedade se vê no trabalho do educador e do estudante de arte. Estudantes do curso de Artes Plásticas têm o meio ambiente e a sociedade como fonte de crítica e estímulo à expressão; durante o curso fazem contato com materiais expressivos fundamentais para o domínio da linguagem artística.

3.4 A interação com a sociedade

O que se verifica na relação dos estudantes e professores de artes plásticas e a interação com o descarte de resíduos, é que essa comunidade faz o descarte de resíduos de acordo com o que tem incorporado como valores ambientais. E esses valores não são contrários à forma de atuação da linguagem artística, da mesma forma como todos os aspectos sociais estão incorporados a ela.

Muito da alienação⁷ é provocada pela facilidade de adquirir os materiais para expressão. Produtos para uso em ateliês vêm limpos, coloridos, atraentes, e mediam as idéias dos indivíduos para os receptores. Os objetos produzidos com os materiais expressivos mascaram com a qualidade estética a história de formação desses materiais. "O trabalho se cristaliza em coisas externas ao próprio ser." (FOLADORI, 2001, p.95) Originalmente o artista produzia suas tintas e pigmentos, preparava superfícies, extraindo o material bruto, a leitura da obra e inteirando-se do objeto no meio sócio ambiental modificando-o e experienciando esse processo, tinha já incorporado o ciclo desses materiais expressivos.

⁷ "A alienação não pode ser entendida exclusivamente em termos técnicos, tampouco exclusivamente em termos sociais. Tão logo o ser humano domina a natureza, tão logo objetiva sua relação com o meio, no mesmo grau se distancia e se submete a forças naturais e interconexões não previstas. Nesse sentido, trata-se de um processo genérico do ser humano com relação às forças da natureza, com as quais involuntariamente rompe e logo não encontra reversão" (FOLADORI, 2001, p97)

Hoje a alienação em relação à proveniência e fim dos produtos gera um distanciamento e a dificuldade de incorporação de um saber ambiental, que no caso desta pesquisa, evidenciaria o ciclo e as influências do material depois de descartado no meio sócio ambiental. A alienação “(...) pode, contudo, reverter-se mediante um ato consciente.” (FOLADORI, 2001, p.95)

O indivíduo deve estar consciente, quando produz, quando usa a matéria, que esse material que está lhe servindo exibe valores dessa matéria. Quando se faz uma escultura em madeira, um relevo, nele estão intrínsecas a organicidade e a história – enfim, o investimento da natureza em tempo e energia para construção do material. Já quando uma escultura é produzida a partir de resina acrílica, estão intrínsecos a tecnologia de extração e o domínio químico do homem sobre o petróleo. Além da forma e tema da escultura, o valor da matéria agrega, ao valor da forma e técnica expressiva, novos sentidos para a obra. A obra de arte não é apenas o resultado do momento da criação artística, mas a transformação de elementos, de sentimentos.

Quando se diz que a arte é a concretização de sentimentos, isto não significa estritamente que o artista, ao construir um objeto estético, esteja apenas e tão somente exprimindo seus próprios sentimentos. Não significa que a obra de arte seja um simples “retrato” do “mundo interior” do artista.

Ao escolher um material para execução de uma obra, observa-se este conteúdo. O artista pode não estar consciente de todos os significados sugeridos pelo material dentro da própria produção. Mas, para o observador, a obra ressalta sentidos ainda que o artista não os tenha projetado.

É preciso ressaltar que a leitura das obras por parte do receptor não se faz apenas da sua forma, mas inclusive do material que o objeto é elaborado, da maneira como ele é trabalhado. A leitura estética, por ser sócio-histórica, acaba por

ser também ambiental, dando-se no momento em que o receptor/cidadão entra em contato com ela.

4 Considerações Finais:

Esclarece-se através das observações e entrevistas que os resíduos da produção da faculdade de arte pesquisada são descartados sem preocupação em neutralizar, conter, separar ou processar qualquer material expressivo, mesmo que este seja tóxico/poluinte. O currículo do curso de formação analisado não contempla uma reflexão acerca dos resíduos e da necessidade de descartá-los adequadamente, e verifica-se que o espaço físico do curso de Artes Plásticas da UFPR não tem contenedores próprios para coleta de resíduos.

O descarte dos ácidos ao invés de neutralizado é diluído com maior quantidade de água potável da torneira, embora isso seja feito, não resolve o problema, pois o pH da água do esgoto continua muito ácido, dificultando a potabilização da água e deixando essa mais cara para o consumo.

A interação com a sociedade está clara nessa comunidade; o engajamento com a qualidade de vida e qualidade de informação transmitida também; o que se percebe através das observações do local, da prática do educador e dos questionários e entrevistas, é a distância em relação ao saber ambiental – neste caso, a compreensão do ciclo dos materiais expressivos que são tóxicos.

A posição alienada, dos docentes e discentes destes cursos, em relação à produção e uso dos materiais expressivos afeta diretamente a leitura dos exercícios de expressão, produção e análise do objeto artístico, assim como prejudica a incorporação de um saber ambiental.

Essa questão evidenciou-se, sobretudo, na análise do currículo oculto do curso. As relações que se estabelecem entre professores e alunos – altamente educativas – mesmo que sua intencionalidade não esteja conscientemente definida

pelos atores da prática educativa, como a utilização do espaço e dos materiais expressivos, demonstraram que o curso ensina uma não preocupação com o descarte dos resíduos, existe afinal uma falta de reflexão sobre o ambiente, o que potencializa a perpetuação de ações indiscriminadas e insustentáveis. Afinal o corpo docente como são artistas expõe seu objeto artístico e por sua vez o modo de produzi-lo e o corpo discente é multiplicador dessa atuação uma vez que se tornará um professor que passará seus conhecimentos, ou um profissional da Arte Visual que não deixará de lidar com a comunicação e exposição de sua forma de atuar no meio.

Mais do que separar resíduos de coleta ou neutralizar substâncias para o descarte em esgoto, uma solução ética para o curso seria a apresentação do saber ambiental através de panfletos, cartazes, palestras, cursos de capacitação ou oficinas, enfim, acesso a informações e experiências objetivando a incorporação de um saber ambiental.

A incorporação deste saber só pode tornar-se realidade na medida em que a reflexão sobre o ambiente acompanhe as atividades práticas de expressão construídas nas oficinas. A inclusão de disciplinas ou discussões isoladas da práxis de formação do profissional em artes plásticas poderia resultar em um conteúdo fragmentado, pouco significativo para os alunos.

É importante ressaltar que a comunidade, através das entrevistas, mostrou-se interessada e aberta a essa forma de capacitação para a sustentabilidade ética ambiental, confirmando a sensibilidade e vanguardismo dos docentes e discentes ligados às Artes Plásticas.

Este estudo não tem o interesse de ser prescritivo, ao contrário, a intenção fundamental desta pesquisa foi buscar conhecer como se estabelecem as relações

entre os processos de formação dos alunos do curso de Artes Plásticas da UFPR e as ações de uso e descarte de materiais tóxicos/poluentes. Tendo em vista a escassez de pesquisas a respeito do tema e a crescente importância a ele atribuída, este trabalho monográfico pretende afirmar-se como um início de uma discussão possível.

Para encerrar as discussões e sugestões em relação aos Estudantes e Professores de Artes Plásticas e a interação com o descarte de resíduos sugere-se a continuidade desse estudo

Parafraseando FREIRE (1997), a certeza do inacabamento determina a compreensão de que o ponto final que encerra este estudo não pretende ser conclusivo a respeito do assunto, ao contrário, pretende ser o final da apresentação de um estudo historicamente situado e datado. Cabe ressaltar, portanto, que as conclusões deste trabalho são provisórias, como todo processo de construção do conhecimento. Esta mesma compreensão indica a necessidade de perspectivas de continuidade da pesquisa.

5 REFERÊNCIAS

1. ASCELRAD, Henry e LEROY, Jean Pierre. Novas Premissas da Sustentabilidade Democrática, -- Rio de Janeiro ; Projeto Brasil Sustentável e Democrático : FASE, 1999. 72p (Série Cadernos de Debate Brasil Sustentável e Democrático, n.1)
2. BARBOSA, Ana Mae. História da Arte Educação: as experiências de Brasília/ I simpósio internacional da história da arte educação – ECA – USP. São Paulo. Max Limonad: 1986.
3. BLOOMFIELD, Tânia. Disponível em: <http://www.artes.ufpr.br/artes/index.htm> acesso em 12.07.2004
4. BORGES, Marisa Soares. Proposta para o estabelecimento de um programa de gerenciamento de resíduos químicos em laboratórios de ensino e pesquisa: estudo de caso dos laboratórios de biologia celular. 2003. 149 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
5. DUARTE JR, João Francisco. Fundamentos estéticos da Educação. 4ed. Campinas : Papyrus. 1995
6. GRADE de Artes Plásticas. Disponível em: http://www.artes.ufpr.br/artes/grade_plasticas.htm acesso em 13.07.2004
7. MARTINS, Simone R. et IMBROISI, Martaret H. A linha do tempo. Disponível em <<http://www.historiadaarte.com.br/linhadotempo.html>>. Acesso em: 30 de out. 2003.
8. LEFF, Henrique. O saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
9. LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 1. Ed. São Paulo: EPU. 1986.
10. MOREIRA, Antonio Flávio e SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo, cultura e sociedade São Paulo : Cortez,1994.
11. RESÍDUOS tóxicos. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=residuos/index.php3&contedo=./residuos/residuos.html> acesso em 07.08.2004.
12. SACRISTÁN. J.GIMENO. O Currículo: Uma reflexão sobre a prática Porto Alegre: Artmed, 2000. 352p.
13. SILVA, Tomas Tadeu da. Documentos de Identidade: Uma introdução as teorias do currículo Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156p.

14. SILVA, Tomas Tadeu da, *Identidades Terminais: As transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*, Petrópolis: Vozes, 1996.

Anexo A – Ementas das oficinas do curso de artes plásticas da UFPR

Departamento: DE ARTES

Sector: CIENCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

Disciplina: OFICINA DE GRAVURA I

Código: HA524

Natureza: Anual

Semestral

Carga Horária: teóricas 1 práticas 2 estágio total 90 créd. 4

Pré-requisito:

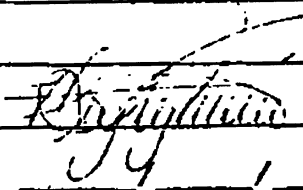
Co-requisito:

Ementa: (Unidades Didáticas): O corte da madeira de fio e o corte da madeira de tampo. Preparação e montagem de uma matriz para xilogravura - diferentes processos. Conhecimento dos diferentes tipos de madeira e seu uso mais adequado para gravura. Conhecimento e emprego do instrumental (ferramentas de corte). Goivas, facas, buris. O projeto: desenho e corte da matriz, e diferentes processos de fixar uma imagem na matriz, viabilizando o processo de gravação. Processos de impressão: papel, tintas, prensa. A gravura em cores: sistemas de registro para impressão. Parelografia e os diversos processos experimentais. Monotipia.

Validade: a partir do ano letivo de 1991

Professor: JANETE FERNANDES DE SIQUEIRA Ass.

Chefe do Dep. Ass.



Aprovado pelo C.E.P. - Res. nº / de /

Pró-Reitor de E. e P. Ass.

PLANO DE ENSINO

Ficha nº 1 (permanente)

Departamento: ARTES

Setor: CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

Disciplina: OFICINA DE CERÂMICA

Código: HA 523

Natureza:

Anual

Semestral

Carga Horária: teóricas 1 práticas 2 estágio - total 90 créd. 4

Pré-requisito:

Co-requisito:

Ementa: (Unidades Didáticas):

- ASPÉCTOS HISTÓRICOS

- ANÁLISE DOS ARGILO-MINERAIS

- PROCESSOS BÁSICOS DE CONSTRUÇÃO

- INSTRUMENTAL E EQUIPAMENTOS-MANIPULAÇÃO

- CROMÁTICA

- ENGOBAGEM

- ESMALTAÇÃO

Validade: a partir do ano letivo de _____.

Professor:

Phyllia Dias

Ass.

Phyllia Dias

Chefe do Dep. Tânia Denise F. Bandeira

Ass.

Bandeira

Aprovado pelo C.E.P. - Res. nº _____ de _____.

Pró-Reitor de E. e P.

Ass.

MANUELA

39

PLANO DE ENSINO

Ficha nº 1 (permanente)

Departamento: de Artes

Sector: Ciências Humanas, Letras e Artes

Disciplina: Expressão em Volume A Código HA440

Natureza: Anual Semestral

Carga Horária: 90 teóricas 01 práticas 02 estágio -Total 03 Créd. 04

Pré-requisito: _____

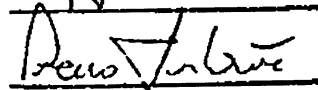
Co-requisito: _____

Lista: (Unidades Didáticas):

1. Forma
2. Espaço
3. Volume
4. Volume Compacto
5. Volume oco e vazado
6. Volume estrutural (espaço descrito)
7. Modelagem de formas elementares
8. Transformação de formas elementares.
9. Animação da superfície de chapas
10. Transformação da superfície em relevo.
11. Transformação da chapa em volume.
12. Construção de formas ocas
13. Construção de formas vazadas.
14. Construções plásticas com papel, madeira e metal.
15. Construções de maquetes para cenários na escola.
16. As técnicas da expressão plástica tridimensional, aplicadas à escola de 1º grau.

Validade: a partir do ano letivo de 1983

Professor: Elvo Benito Damo Assinatura: 

Chefe do Departamento: Ivens da Fontoura Assinatura 

Aprovado pelo C.E.P: - Res. ___/___ de ___/___/___

Pró-Reitor de Ensino e Pesquisa Assinatura: _____

PLANO DE ENSINO

Ficha nº 1 (permanente)

Departamento: de Artes

Setor: Ciências Humanas, Letras e Artes

Disciplina: Técnicas e Materiais Expressivos Código HA450

Natureza: Anual Semestral

Carga Horária: 90 teóricas 01 práticas 02 estágio - Total 03 Créd. 04

Pré-requisito: Formas de Expressão e Comunicação Artística I

Co-requisito: _____

Conteúdo: (Unidades Didáticas):

1. Análise de experiências no campo das artes plásticas (relativa a materiais e técnicas de utilização).
 - 1.1. Linguagem bidimensional.
 - 1.2. Linguagem tridimensional.
 - 1.3. Novas leituras de arte.
2. Técnicas de visitas a museus, galerias de arte, ateliers de artistas, etc, aplicadas à escola de 2º Grau.
3. Dinâmica de visitas a ambientes diversos como fábricas, praças, estúdios, feiras, ruas, etc., aplicados à escola de 2º Grau.
4. Experimentação e análise de materiais, naturais e industrializados e das técnicas Bidimensionais e Tridimensionais de utilização expressiva.

Validade: a partir do ano letivo de 1983

Professor: Marcia Simões Fontoura Assinatura: Marcia Fontoura

Chefe do Departamento: Ivens da Fontoura Assinatura: Ivens da Fontoura

Aprovado pelo C.E.P: - Res. ___/___ de ___/___/___

Pró-Reitor de Ensino e Pesquisa _____ Assinatura: _____

PLANO DE ENSINO
Ficha nº 1 (permanente)

Departamento: DE ARTES

Sector: CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

Disciplina: OFICINA DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA I A **Código:** HA515

Natureza: Anual Semestral

Carga Horária: teóricas 2 práticas 4 estágio total 6 **créd.** 8

Pré-requisito: **Co-requisito:**

Ementa: (Unidades Didáticas):

Módulo 1: Técnicas de Artes Plásticas aplicadas à escola. 1.1. Os instrumentos da ação e da experimentação. 1.2. O cenário de trabalho. 1.3. Ações criativas. 1.4. Técnicas expressivas: 1.4.1. Perfurar, bater, lançar; 1.4.2. Rasgar, recortar; 1.4.3. Dobrar; 1.4.4. Colar; 1.4.5. Modelar; 1.4.6. Atividades lúdicas com sucata; 1.4.7. Pintar; 1.4.8. Imprimir; 1.4.9. Animações.

Módulo 2: Técnicas de iniciação musical aplicadas à escola. 2.1. O Método Orff. 2.1.1. Prática.

Módulo 3: As artes cênicas na ação educativa. 3.1. O processo das artes cênicas na ação criativa. 3.2. A linguagem comum; 3.3. O mundo dos sentidos; 3.4. As relações com o ambiente; 3.5. Os jogos dramáticos.

APÓS TEREM SIDO DESENVOLVIDAS AS EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS INERENTES A CADA MÓDULO, ATRAVÉS DE CENTRO DE INTERESSE, AS DIVERSAS LINGUAGENS DEVERÃO SER INTERRELACIONADAS EM UM PROCESSO CRIATIVO COMUM ÀS VÁRIAS ÁREAS.

Validade: a partir do ano letivo de 1992.

Professores: DULCE OSINSKI (A.P.) LIANE E.C.FRANK (D)
BERNADETE ZAGONEL (M) Ass.

Chefe do Dep. ENIO C. DE CARVALHO (T)
DULCE FERNANDES Ass.

Aprovado pelo C.E.P. - Res. nº / de / / .

Pró-Reitor de E. e P. Ass.

Departamento: DE ARTES

Setor: CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

Disciplina: EVOLUÇÃO DAS ARTES VISUAIS NO PARANÁ Código: HA514

Natureza: Anual Semestral

Carga Horária: teóricas 2 práticas - estágio - total 60 créd. 4

Pré-requisito: HA513 Co-requisito:

Ementa: (Unidades Didáticas): 1) Fases e características gerais da Arte Paranaense. 2) Pré-História e Proto-História. 3) A Fase Itinerante. A contribuição do Prof. Newton Carneiro para o estudo da iconografia paranaense. Principais artistas atuantes cu se passaram pelo Paraná no séc. XIX. 4) A arte da Imprensa-estrutura. O pioneirismo de Mariano de Lima e de Alfredo Andersen. A contribuição dos litógrafos catalães Filgueiras e Folch. Os mais destacados discípulos da Escola de Belas Artes e Industrias. Principais representantes do objetivismo visual da Escola Andersen. 5) O Pré Modernismo. Paranismo. A passagem de Bruno Lechowsky por Curitiba. 6) O Movimento de Integração. Súmula Histórica. O humanismo social da geração 40. A importância da revista "O Joaquim". Guido Viaro e Poty pioneiros do Modernismo no Paraná. A revolução modernista dos anos 50 e os grupos que fizeram a renovação. O Salão dos Pré-Julgados. Os principais artistas de 50 e 60 ligados ao expressionismo, abstracionismo e outras tendências. 7) A contemporaneidade. A importância dos Encontros de Arte Moderna. Tendências de Vanguarda versus Metalinguagem nos anos setenta. Principais Grupos e Artistas. O fenômeno Geração Oitenta. A abertura para os Anos Noventa. 8) Gravura no Paraná. Precursores e a importância da Casa da Gravura do Solar do Barão. 9) Arte Ínsita e Arte Popular. 10) Análise da produção artística no Norte Paranaense e demais regiões do Paraná.

A disciplina visa proporcionar um contato direto com os acervos dos museus e com os produtores de arte através visitas a ateliers; bem como em consonância com "Metodologia da Pesquisa nas Artes Plásticas" iniciar o aluno de forma prática na pesquisa de arte, preparatória ao projeto de pesquisa de graduação, através apresentação de uma monografia voltada à análise seja da produção artística, seja da arte/educação no Paraná.

Validade: a partir do ano letivo de 1991

Professor: ADALICE MARIA DE ARAUJO Ass. *[Assinatura]*

Chefe do Dep. Ass. *[Assinatura]*

Aprovado pelo C.E.P. - Res. nº / de

Pró-Reitor de E. e P. Ass.

PLANO DE ENSINO
Ficha nº 1 (permanente)

Departamento: DE ARTES

Sector: CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

Disciplina: EVOLUÇÃO DAS ARTES VISUAIS NO PARANÁ **Código:** HA518

Natureza: Anual Semestral

Carga Horária: teóricas 2 práticas estágio total 2 créd. 4

Pré-requisito: HA517 **Co-requisito:**

Ementa: (Unidades Didáticas): 1) Fases e características gerais da Arte Paranaense. 2) Pré-História e Proto História. 3) A Fase Itinerante. A contribuição do Prof. Newton Carneiro para o estudo da iconografia paranaense. Principais artistas atuantes ou de passagem pelo Paraná no séc. XIX. 4) A fase da Infra-Estrutura. O pioneirismo de Mariano de Lima e de Alfredo Andersen. A contribuição dos litógrafos catalães Filqueira e Folch. Os mais destacados discípulos da Escola de Belas Artes e Industriais. Principais representantes do objetivismo visual da Escola Andersen. 5) O Pré Modernismo. Paranismo. A passagem de Bruno Lechowaki por Curitiba. 6) O Movimento de Integração. Súmula Histórica. O humanismo social da geração 40. A importância da revista "O Joaquim". Guido Viaro e Poty pioneiros do Modernismo no Paraná. A revolução modernista dos anos 50 e os grupos que fizeram a renovação. O salão dos Pré-Julgados. Os principais artistas de 50 e 60 ligados ao expressionismo, abstracionismo e outras tendências. 7) A Contemporaneidade. A importância dos Encontros de Arte Moderna. Tendências de Vanguarda versus Metalin: quagem nos anos setenta. Principais Grupos e Artistas. O fenômeno Geração Oitenta. A abertura para os Anos Noventa. 8) Gravura no Paraná. Precursores e a importância da Casa da Gravura do Solar do Barão. 9) Arte Ínsita e Arte Popular. 10) Análise da produção artística no Norte Paranaense e demais regiões do Paraná. A disciplina visa proporcionar um contato direto com os acervos dos museus e com os produtores de arte através visitas a ateliers; bem como em consonância com "Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas" inicia o aluno de forma prática na pesquisa de arte. preparatória ao projeto de pesquisa de graduação, através apresentação de uma monografia voltada à análise seja da produção artística, seja da arte/educação no Paraná.

Validade: a partir do ano letivo de 1992.

Professores: FERNANDO BINI ADALICE MARIA DE ARAUJO Ass. Adalice Maria de Araujo

Chefe do Dep. DULCE FERNANDES Ass.

Aprovado pelo C.E.P. - Res. nº **de** **/** **/** .

Pró-Reitor de E. e P. Ass.

PLANO DE ENSINO
Ficha nº 1 (permanente)

Departamento: DE ARTES

Sector: CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

Disciplina: OFICINA DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA II **Código:** HA516

Natureza: Anual Semestral

Carga Horária: teóricas 2 práticas 4 estágio total 6 **créd. 8**

Pré-requisito: HA515 ou HA557 **Co-requisito:**

Ementa: (Unidades Didáticas):

MÓDULO 1: TÉCNICAS BI E TRIDIMENSIONAIS NA ESCOLA. 1.1. Técnicas bi e tridimensionais específicas da linguagem plástica. 1.1.1. O ponto e a linha; 1.1.2. O branco e o negro; 1.1.3. A luz e os valores; 1.1.4. A cor. 1.1.5. As estruturas e a forma; 1.1.6. O movimento e o ritmo; 1.1.7. Transformações de superfícies; 1.1.8. Elementos fundamentais da geometria plana; 1.1.9. Construção do espaço tridimensional; 1.1.10. O volume.

MÓDULO 2: MÚSICA NA ESCOLA. 2.1. A forma; 2.1.1. A prática das formas musicais; 2.1.2. A audição de formas diversas; 2.3. O timbre; 2.3.1. O reconhecimento dos timbres de diferentes famílias de instrumentos; 2.5. O ritmo; 2.5.1. Praticar, ler e conhecer as variadas células rítmicas; 2.5. O som. 2.5.1. Percepção do som através da prática musical e da voz; 2.6. O repertório; 2.6.1. Vivência progressiva com o repertório musical através da história da música.

MÓDULO 3: ARTES CÊNICAS NA ESCOLA. 3.1. Noções gerais e introdutórias do universo teatral: o ator, o drama, o espetáculo e os jogos dramáticos; 3.2. Técnicas de teatro aplicadas na escola: improvisação e encenação teatral, expressão corporal e vocal; o teatro de bonecos, de máscaras, de silhuetas e de atores; 3.3. Encenação de um espetáculo pelos alunos: laboratório e montagem de espetáculo.

Após terem passado pelas diversas experiências propostas nos três módulos, a escolha de uma peça teatral pelo grupo de alunos participantes da Oficina de Arte Educação II servirá de integração das várias áreas: escolha do texto (comum); Cenários e figurinos (Artes Plásticas); Sonoplastia (Música); Ação dramática (Teatro); Expressão Corporal (Dança).

Validade: a partir do ano letivo de 1992.

Professor: Ass.

Chefe do Dep. DULCE FERNANDES Ass.

Aprovado pelo C.E.P. - Res. nº / de / / .

Pró-Reitor de E. e P. Ass.

PLANO DE ENSINO
Ficha nº 1 (permanente)

Departamento: DE ARTES

Setor: CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

Disciplina: OFICINA DE DESENHO ^I **Código:** HA 520

Natureza: Anual Semestral

Carga Horária: teóricas 2 práticas 4 estágio total 6 créd. 8

Pré-requisito: **Co-requisito:**

Ementa: (Unidades Didáticas):

1. INTRODUÇÃO À TEORIA DO DESENHO - Histórico, gêneros, estilos, a psicologia do desenho, o traço e o grafismo como expressão do afetivo e do intelectual;
2. TÉCNICAS E MATERIAIS - Carvão: história, superfícies e papéis, tipos, técnicas e fixadores. Lápis: tipos de lápis-grafite, carvão e carbono, técnicas e fixador. Bico de Pena: Histórico, superfícies e papéis, tipos de pena e tintas, técnicas. Aerógrafo: Técnicas. Histórico princípios, tipos e preparação.
3. INTRODUÇÃO À PRÁTICA DO DESENHO - Exercícios motores e exercícios gráficos: habilidade perceptiva e habilidade manual (representativa), percepção e representação de formas, hachuras, pontilhados, esfumados;
4. DESENHO DE OBSERVAÇÃO - Percepção e representação de formas simples, os princípios da perspectiva aplicados ao desenho artístico; luz e sombra, escala e proporção, composição e enquadramento, croquis e de acabamento.
5. CROQUIS - Histórico e Princípios básicos. Croquis de formas geométricas e ou naturais. O fator tempo no ato de desenhar, níveis de acabamento, geometria descritiva aplicada ao desenho; Croquis de Interiores - Perspectiva, composição, iluminação, escala humana; Croquis de Paisagem urbana - Topografia, arquitetura, vegetação, figura humana na paisagem (escala);
6. DESENHO DA FIGURA HUMANA - Histórico, cânones e proporções. Anatomia Artística: A estrutura corporal, esqueleto e musculação; posições fundamentais; o repouso, o movimento e o esforço; crescimento, maturidade e envelhecimento do corpo humano; O Escorço: A perspectiva na figura humana; o Retrato: Histórico, conceituação e prática; as deformações e a caricatura; Composição com Figuras Humanas: Histórico, conceituação e prática.

Validade: a partir do ano letivo de 1992.

Professor: DULCE OSINSKI **Ass.**

Chefe do Dep. DULCE FERNANDES **Ass.**

Aprovado pelo C.E.P. - Res. nº / **de** / /

Pró-Reitor de E. e P. **Ass.**

Anexos B1 a B5 – Entrevistas com os professores da comunidade estudada

Docente: Tânia Bloomfield

1. Para você o que é meio ambiente?

É tudo o que nos rodeia. É o contexto físico. Podemos entendê-lo numa perspectiva restrita, ou seja, aquele ambiente no qual vivemos; aquele que é o mais imediato.

Mas também podemos entendê-lo num sentido mais amplo, por exemplo, o planeta Terra. São sistemas, com graus de complexidade diferentes, que interagem entre si.

2. De que forma o meio sócio-ambiental é abordado dentro do curso?

Não existe uma disciplina formalmente colocada no currículo para abordar este tema. No entanto, eu sei que vários professores se preocupam com o assunto e dentro do programa de suas disciplinas, acabam por abordá-lo.

3. Quais as disciplinas que você ministra?

Oficina de Escultura e Expressão em Volume. Além destas, oriento alunos em TG (trabalho final de graduação) e PI (Projetos Integrados - Estágio)

4. Dentro dessas disciplinas que materiais são utilizados pelos discentes?

Vários. Por exemplo: gesso, pedras, argila, resina, papel, metais, etc.

5. Onde é feito o descarte desses materiais?

No lixo da Universidade e pelos alunos, quando estão em suas casas.

6. Quais desses materiais você considera tóxicos/poluentes?

A maioria dos materiais com os quais lidamos em um curso de Artes é poluente. Não se degradam por si, deixando resíduos poluentes.

7. Você acredita que o corpo discente, docente e funcionários do seu curso devem conhecer métodos mais sustentáveis de uso e descarte de materiais?

Sim. Temos esta preocupação e no currículo novo de Artes Visuais, que será implementado em breve, haverá uma disciplina específica para lidar com a toxicologia dos materiais e procedimentos de segurança quanto ao meio ambiente e com as pessoas que manipulam materiais tóxicos.

8. Você acredita que exista algum problema com esse tipo de descarte?

Sim. Não há uma separação eficiente e nem destinação apropriada para o lixo poluente.

Docente: Dulce Osinski

1. Para você o que é meio ambiente?

O meio ambiente compreende tudo o que nos circunda, os elementos naturais e nossas interferências humanas também. É um equilíbrio delicado.

2. De que forma o meio sócio-ambiental é abordado dentro do curso?

Penso que é abordado esporádica e pontualmente em alguns casos, mas não de modo global.

3. Quais as disciplinas que você ministra?

Ministro as disciplinas "Oficina de Pintura I", "Oficina de Gravura", "Projetos Integrados" e "Oficina de Arte-educação".

4. Dentro dessas disciplinas que materiais são utilizados pelos discentes?

São utilizados diversos materiais, como tintas, papéis, ácidos e outros.

5. Onde é feito o descarte desses materiais?

Alguns materiais não sofrem descarte, pois são agregados aos suportes (no caso das tintas para pintura). Alguns resíduos (jornais sujos de tinta e querosene) são jogados no lixo.

6. Quais desses materiais você considera tóxicos/poluentes?

Há vários materiais tóxicos, como o querosene em especial.

7. Você acredita que o corpo discente, docente e funcionários do seu curso devem conhecer métodos mais sustentáveis de uso e descarte de materiais?

Penso que se deva conhecer métodos mais sustentáveis, porém acredito que isso deva fazer parte de uma política institucional (há órgãos na UFPR que deveriam cuidar disso)

8. Você acredita que exista algum problema com esse tipo de descarte?

Determinados materiais certamente podem causar problemas. Outros (como tintas de impressão) estão presentes em toda espécie de lixo impresso (jornais, revistas) e não sei se tem sido considerados poluentes.

Docente: Marília Dias.

1. Para você o que é meio ambiente?

É o entorno e o compromisso que nós temos com o Planeta Terra. Compreendo como micro e macro.

2. De que forma o meio sócio-ambiental é abordado dentro do curso?

Enquanto professora, me sinto responsável em alertar e preparar o alunado para trabalhar éticamente no meio ambiente, para trabalhar com cuidado em relação a todos os tipos de recursos.

3. Quais as disciplinas que você ministra?

Fundamentos da Arte Educação, Técnicas e Materiais Expressivos, Cerâmica, Projetos Integrados e TG. (trabalho de graduação).

4. Dentro dessas disciplinas que materiais são utilizados pelos discentes?

Faço uso de argilas, terras, utilizo toda a sorte de materiais que podem ser reciclados e reaproveitados, eu reprocesso, jornal, revista, uso também materiais como lençóis velhos, cabos de vassoura, embalagens de isopor, sucata plástica. Em cerâmica no presente momento estou desenvolvendo um projeto onde os alunos utilizam embalagem tetrapack para conter cacos de vidro para serem moídos e aplicados como vidrado na cerâmica.

5. Onde é feito o descarte desses materiais?

Em sala de aula existe lixo, lá não é feita a separação.

6. Quais desses materiais você considera tóxicos/poluentes?

Em sala de aula, o durepox que tem chumbo mas é pouco usado. O alvaiade que não pode ser inalado. A sala é varrida e o ideal seria lavar, porque a argila depois de cozida divide-se em alumina e sílica, a sílica pode se depositar nos aovéolos do pulmão ocasionando a silicose. Tenho preocupação com a toxidade e indico essa toxidade no programa da disciplina.

7. Você acredita que o corpo discente, docente e funcionários do seu curso devem conhecer métodos mais sustentáveis de uso e descarte de materiais?

Com certeza, é necessário uma consonância entre todas as instâncias e que efetivamente consigamos melhorar a qualidade de vida no planeta. Lembro Leonardo Boff quando nos alerta que é necessário "saber cuidar".

8. Você acredita que exista algum problema com esse tipo de descarte?

Com certeza, sei que um dos problemas maiores, ecológicamente falando, é o que fazer com o lixo, e como manter a água potável. E sei que o lixo que cada pessoa produz mesmo num país pobre como o nosso, gira em torno de 800g/dia.

Docente: Geraldo Leão

1. Para você o que é meio ambiente?

Meio ambiente é o espaço que a gente vive, transita, seja ele urbano ou natural. (onde acontecem) relações espaciais, temporais e interpessoais.

2. De que forma o meio sócio-ambiental é abordado dentro do curso?

Eu acho que ele é abordado de um ponto de vista profissional, mais sócio que ambiental. É mais apropriado no aspecto social, o sócio ambiental é a mesma coisa, a visão, o nosso ambiente é o social.

3. Quais as disciplinas que você ministra?

Oficina de Desenho II, Oficina de Desenho III, Oficina de Pintura II, Oficina de Arte Educação.

4. Dentro dessas disciplinas que materiais são utilizados pelos discentes?

Materiais artísticos gerais, até literatura, tinta, pincel, papel, carvão, vídeo, fotografia.

5. Onde é feito o descarte desses materiais?

Normalmente não tem material de sobra, os alunos reciclam em outras obras, desmontam e voltam a utilizar. Raramente usam solúveis em água, tem tanques de descarte e tem lixeira para papel.

6. Quais desses materiais você considera tóxicos/poluentes?

Que são solúveis em água nenhum, os acrílicos poderiam causar problemas no esgoto, são pouco usados, usam solventes em quantidade pequena para tinta óleo.

7. Você acredita que o corpo discente, docente e funcionários do seu curso devem conhecer métodos mais sustentáveis de uso e descarte de materiais?

Eu acho e acho que isso não é necessariamente por falta de sensibilidade do corpo, mas pela necessidade de constante atualização.

8. Você acredita que exista algum problema com esse tipo de descarte?

Eu acho que existe, muito acrílico, plástico, acabam sendo perigosos, podem, causam dano ambiental.

Docente: Ricardo Carneiro

1. Para você o que é meio ambiente?

É o espaço onde vivemos e desenvolvemos nossas atividades. Nossa saúde e bem estar é função deste espaço.

2. De que forma o meio sócio-ambiental é abordado dentro do curso?

No curso de artes chamamos a atenção para criatividade e meio social. A criação artística pode ser um meio de reflexão e crítica social.

3. Quais as disciplinas que você ministra?

Teoria da Cor, Fundamentos da Linguagem Visual, Fotografia e Gravura.

4. Dentro dessas disciplinas que materiais são utilizados pelos discentes?

Produtos químicos para fotografia, diversos tipos de tinta e materiais que produzam cor.

5. Onde é feito o descarte desses materiais?

No sistema de esgoto do prédio

6. Quais desses materiais você considera tóxicos/poluentes?

Sim, acho que deveríamos adotar os procedimentos apropriados para o descarte de cada material.

7. Você acredita que o corpo discente, docente e funcionários do seu curso devem conhecer métodos mais sustentáveis de uso e descarte de materiais?

Os produtos fotográficos e da oficina de gravura. As tintas, algumas são tóxicas e seu processo de produção também.

8. Você acredita que exista algum problema com esse tipo de descarte?

Acho que é muito necessário.

Anexo B6 a B14 – Entrevistas com os alunos de Artes Plásticas

Discentes

1. Para você o que é o meio ambiente?
2. De que forma o meio sócio-ambiental é abordado dentro do curso?
3. Que tipo de resíduo/lixo vocês produzem na faculdade?
4. Pra onde são destinados os resíduos do estudo ou produção de um artífice na UFPR?
5. Você acredita que exista algum problema com esse tipo de descarte?
6. Que produtos utilizados no curso você considera tóxicos/poluentes?
7. Você acredita que o corpo discente, docente e funcionários do seu curso devem conhecer métodos mais sustentáveis de uso e descarte de materiais?

Juliana Bianchini

1. É um lugar muito bom, com muita natureza, lugar onde respiramos ar puro sem poluição.
2. A gente utiliza praticamente quase nada.
3. Papel, muito. Bisnagas e potes de tintas.
4. Não sei.
5. Olha, pra onde vai eu não sei mesmo.
6. Ácidos.
7. Eles conhecem tudo que tem direito, é um pessoal bem empenhado.

Andrea Luiza Oliveira

1. É onde vivo.
2. Fora a confraternização com os colegas, algumas matérias trabalham com orgânicos ou reciclados, a aula da Marília de Técnicas e Mat. Expressivos.
3. Um monte na gravura, jornais, querosene, tinta. Na aula de Cerâmica tudo é aproveitado.
4. Cerâmica reaproveita, eu tinha amigas que faziam papel de presente, a maioria é jogado no lixo normal. Não sei se dá pra reciclar por causa do querosene e tinta.
5. Acho que não.
6. Para o meio ambiente, mais o de gravura, querosene, ácido, breu, mais mal pra gente.
7. Claro, sempre ajuda.

Márcio José Sobreira

1. É o ambiente que a gente vive.
2. Quase nada, só como questionamento, nenhuma matéria.
3. Vários, aula de escultura, pó de pedra sabão, ácidos, tinta, o descarte não tem nada específico, cinza de cerâmica.
4. Não tem lugar específico, o lixo é normal, não tem preocupação com isso.
5. Acredito que sim.
6. Da pedra sabão causa silicose, as tintas da gravura, papel com tinta, querosene, terebentina.
7. Acho que sim, eles tem certa preocupação com isso. Mais com o contado com as pessoas e não o descarte, existe um descaso.

Fernanda Ribas Mira

1. É onde vivemos, estamos, não só nós, mas seres vivos.
2. Eu acho que quando vai alguém falar sobre reciclagem sobre cerâmica(palestras da Carla Mocelin, e do Antonio Arnen, este trabalha com colagens de tudo). Em Ponta Grossa tem 30 tons de terra. Na aula da Marília, Técnicas e Materiais. A Tânia quer levar a galera numa fábrica de reciclagem de papel.
3. Muita coisa, desde o orgânico mesmo, comida chicletes, bituca de cigarro, é um absurdo no hall, e perto do telefone, restos de papel.
4. Vai para o lixo mesmo, cestas específicas eu não vejo, nem carrinho.
5. Com certeza, rola desde desperdício de material, a conscientização de guardar e reusar não rola.
6. Desde tintas, outros materiais, garrafa plástica, tecido. Não sei qual é o fim dos materiais.
7. Acho que sim, por mais que a Marília seja muito clara. O Geraldo Leão quando fala em ter navios em alto mar cheios de lixo, sem saber o que vai fazer com aquilo. Não existe temas engajados como água por exemplo. Quando se fala é muito pontual, só dois professores. Com certeza, é importante dentro de artes plásticas. A preocupação de saúde tanto com as pessoas quanto com o mar.

Kamila Kuromiya

1. Meio onde vivemos.
2. Reutilização de materiais e conscientização.
3. Todos.
4. Não sei.
5. Sim.
6. Ácidos, tintas, solventes
7. Sim.

Vicky M. Philippsen

1. É o ambiente a nossa volta, que nos rodeia, ou seja, o meio no qual nos encontramos.
2. É uma coisa que está inserida no âmbito das artes.(faz parte)
3. Papel, tinta, etc...
4. Alguns são utilizados "reaproveitados" para outras matérias, a maioria vai para o lixo (não sei se comum)
5. Aqui talvez não, mas para o lixão que está entupido...
6. Ácidos, tintas, alguns produtos de limpeza usados em excesso.
7. Sim.

Vivian F. C. Da Silva

1. É o meio onde nós retiramos matéria prima para vivermos.
2. Em algumas aulas somos orientados para melhor reaproveitar resíduos.
3. Ácidos velhos, papel, panos sujos.
4. Não sei (somente sei que os ácidos vão para a água corrente)
5. Existe um sério problema na eliminação dos ácidos, pois não possuímos dispositivos adequados.
6. Ácidos e solventes.
7. Sim, isso faz parte do processo de trabalho de um artista e deve ser abordado na estrutura do curso.

Roberta Guimarães

1. É a natureza
2. Depende do professor e da matéria, Em alguns que tem uma abordagem bem mais social, outros trabalham enfocando mais a preservação do ambiente, é relativo.
3. Depende da área onde o aluno atuar. Por exemplo, se for na gravura, vai ser garrafa e álcool, querosene, resto de estopa, jornal sujo. Se o aluno trabalha com expressão em volume, ele joga muito papel, pedaços que não são reutilizados é que irão pro lixo.
4. Lixo.
5. Não se ele for reutilizado. O problema é se ele for misturado com o lixo orgânico. Se for separado de forma correta, acredito que não terá problema.
6. Nenhum produto.
7. Com Certeza.

Fábio de Freitas

1. Lugar, contexto onde a gente vive.
2. Os cursos de extensão, o meio artístico engloba a política econômica.No sentido do mercado e da discussão.
3. Algo tóxico, sobras de ácido. Boa parte é reaproveitada. Tinta seca, estopa.
4. Para o lixo mesmo.
5. Com certeza.
6. Tinta off-set, ácido, tinta acrílica e óleo.
7. Sim, até materiais alternativos.

Danielle Zanetti

1. Meio ambiente, encaro como a ordem da natureza, que devemos preservar, é o DNA do universo.
2. O curso trabalha com materiais humanos e organicos; o meio socio ambiental está incluso em todo o curso.
3. Papel, tinta, ...
4. Alguns vão para o lixo comum e outros pra reciclagem.
5. Claro afinal Curitiba produz muito lixo e deste muito que irá para aterros poderiam ser reciclados.
6. Tintas.
7. Sim.

Ana Cristina B. Fontana

1. É o meio em que estamos inseridos, do qual fazemos parte. Talvez esteja mais relacionado à natureza.
2. O meio sócio-ambiental é abordado no sentido do reaproveitamento de materiais.
3. Os resíduos que produzios talvez sejam em maior parte restos de papel, tintas, e outros materiais que utilizamos.
4. A própria Universidade reaproveita muitas das coisas para limpeza do próprio atelier. Mas acredito que depois desse reaproveitamento vá tudo pro lixo meso.(não sei se para a reciclagem ou não)
5. Acredito que não.
6. Algumas tintas talvez sejam, alguns materiais de limpeza também. Mas a maioria dos materiais utilizados não são tóxicos, nem poluentes.
7. Quanto ao descarte do que já foi reaproveitado aqui dentro, eu não sei como funciona, por isso não posso responder.

Esteia Lindner

1. É o ambiente em que vivemos.
2. Nós aprendemos a economizar papéis e reciclá-los.
3. Papéis, embalagens de alimentos, lixo orgânico, mas pela alimentação não pelo curso em si.
4. Não sei, mas acho que para o lixo comum, acho que não é feita a separação lixo que não é lixo.
5. Sim. Sei que o “lixão” fica entupido com lixo que poderia ser reciclado.
6. Querosene, tinta off-set, terebentina, tinta óleo, etc...
7. Sim, acho que deveria existir na Universidade coleta seletiva do lixo, pois até nas escolas de ensino fundamental tem, é vergonhoso que não se tenha consciência no Ensino Superior, já que o meu curso é ‘licenciatura’ e nós devemos dar exemplo para os nossos alunos.

Talita Todorowicz

1. O meio em que vivemos.
2. Conscientização sobre reciclagem.
3. Todos.
4. Não sei.
5. Acredito que alguns elementos sejam tóxicos.
6. Ácidos, solventes.
7. Sim.

Elaine Accordi

1. É tudo que está em nossa volta. Tudo de natural.
2. Não sei se o tema sócio-ambiental é abordado. Talvez, em disciplinas mais práticas, com a utilização e importância das madeiras, por exemplo.
3. Poucas coisas são descartadas. Em Artes, sempre acho que podemos reaproveitar embalagens e sucatas, para talvez, termos novas produções ou usarmos em atividades educacionais, nas escolas.
4. Acho que são verificados antes de serem levados para o lixo. Se não existir a possibilidade de reaproveitamento, então vai para o lixo.
5. Não. Acho que o que é descartado não causa maiores problemas.
6. Ácidos, querosene, tintas.
7. Acho que talvez pudesse ser bem interessantes, aqueles que, de repente não tenham conhecimento do perigo, principalmente quanto aos ácidos (produtos tóxicos.)

José Mianutti

1. Onde vivemos
2. Visitas de especialistas, vídeos, slides, palestras.
3. Papel, cigarro, latas, restos de comida.
4. Especificamente, não sei.
5. Sim.
6. Solventes, alguns tipos de tintas, ácidos.
7. Sim

Valeria Regina de Goss

1. O meio ambiente é o conjunto de elementos que compõem a vida no planeta e suas relações. Leva-se em consideração desde os elementos naturais em sua forma mais primária, e sua transformação pelo homem, até elementos complexos, inclusive os dejetos gerados por estas transformações. Os seres vivos em suas diversas escalas se encontram no meio ambiente.
2. Praticamente não é abordado; com exceção de um ou outro professor que se preocupa e/ou possui conhecimento de como reciclar o material que estamos utilizando, ou ainda como proceder ao jogar fora determinados tipos de material que podem ser poluentes. Ou de onde vem o material que estamos utilizando, e se existem fontes de reserva na natureza, a respeito de determinado material; ou se estamos causando algum dano à natureza.
3. Papel, madeira, borracha, tintas:acrílica, gouache, nanquim, off-set, à óleo e outras; argila, pedras (como por exemplo pedra sabão), metais, gesso, tecidos, ácidos utilizados para corrosão - por exemplo, ácido nítrico; diluentes de tintas, químicos utilizados na gravura, como breu, querosene, álcool, talco, vinagre, etc. Químicos utilizados em fotografia, para a revelação, entre outros.
4. Para o lixo comum ou reciclável, inclusive os químicos da fotografia são jogados em pia comum; não sei o destino dos ácidos utilizados na gravura.
5. Acredito que há problemas.
6. Praticamente todos, se não forem reciclados ou reservados em local apropriado.
7. Com certeza. Ultimamente o único material que reciclamos na própria universidade, são os resíduos da argila. É claro que a maioria dos alunos aprende - na universidade! - que deve aproveitar ao máximo os materiais que está utilizando em seus trabalhos. Acredito que a educação ambiental deve orientar as pessoas desde sua infância, na escola, e, é extremamente vergonhoso que os alunos de artes da Universidade Federal não saibam sequer separar os resíduos recicláveis, quanto mais discutir desenvolvimento sustentável. Alguns cursos seriam muito bem-vindos!

Anexo C – Grade curricular do curso

Grade Horária HABILITAÇÃO: Artes Plásticas Periodização Recomendada (Resolução nº 85/94-CEPE)

1º PERÍODO		CH SEMANAL					
CÓDIGO	DISCIPLINA	AT*	AP*	EST*	TOT*	CR	REQUIS.
HA541	História da Arte Universal	02	00	00	02	04	----
HA542	Linguagem das Artes Plásticas	01	02	00	03	04	----
HA543	Linguagem da Música	01	02	00	03	04	----
HL423	Literatura Aplicada ao Ensino	03	00	00	03	06	----
ET401	Psicologia da Educação A	03	00	00	03	06	----
HA511	Fundamentos da Linguagem Visual I	03	00	00	03	06	----
HA514	Oficina de Desenho I	02	04	00	06	08	----
HA044	Metodologia da Pesquisa em Artes (1º sem)	02	00	00	02	02	----
Total					25	23	
2º PERÍODO		CH SEMANAL					
CÓDIGO	DISCIPLINA	AT*	AP*	EST*	TOT*	CR	REQUIS.
HA439	História da Arte Brasileira B	02	00	00	02	04	HA541
HL429	Semântica e Comunicação A	02	00	00	02	04	----
HA544	Linguagem do Teatro	01	02	00	03	04	----
HA548	Folclore Brasileiro	02	00	00	02	04	----
HA540	Fundamentos da Arte Educação	02	00	00	02	04	ET401
HA512	Fundamentos da Linguagem Visual II	03	00	00	03	06	HA511
HA515	Oficina de Desenho II	01	02	00	03	04	HA514
HA524	Oficina de Gravura	01	02	00	03	04	----
HA508	Cinema I	01	02	00	03	04	----
EP001	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus (1º sem)	04	00	00	04	04	----
Total					27	23	
3º PERÍODO		CH SEMANAL					
CÓDIGO	DISCIPLINA	AT*	AP*	EST*	TOT*	CR	REQUIS.
HF402	Estética A	02	00	00	02	04	----
HA513	Fundamentos da Linguagem Visual III	02	00	00	02	04	HA512
HA516	Oficina de Desenho III	01	02	00	03	04	HA515
HA440	Expressão em Volume A	01	02	00	03	04	----
HA442	Evolução das Artes Visuais I	02	00	00	02	04	----
HA450	Técnicas e Materiais Expressivos	01	02	00	03	04	----
HA521	Oficina de Fotografia	01	02	00	03	04	----
HA518	Oficina de Pintura I	01	02	00	03	04	----
EM001	Didática I (1º sem)	04	00	00	04	04	ET401
EM039	Metodologia do Ensino de Artes (2º sem.)	04	00	00	04	04	EM001
Total					25		
4º PERÍODO		CH SEMANAL					
CÓDIGO	DISCIPLINA	AT*	AP*	EST*	TOT*	CR	REQUIS.
HA545	Oficina de Arte Educação	00	03	00	03	03	HA540
HA443	Evolução das Artes Visuais II	02	00	00	02	04	HA442
HA519	Oficina de Pintura II	01	02	00	03	04	HA518
HA520	Oficina de Escultura	01	02	00	03	04	----
HA522	Processos de Produção Gráfica	01	02	00	03	04	----
HA523	Oficina de Cerâmica	01	02	00	03	04	----
EM040	Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Artes Plásticas (1º sem)	01	00	03	04	02	EM001
EM032	Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Educação Artística (2º sem)	01	00	03	04	02	EM001
Total					21		

Carga Horária Semanal Mínima - 14 h.

Carga Horária Semanal Máxima - 31 h.

*CH SEMANAL - Carga Horária Semanal

*AT - Aula Teórica

*AP - Aula Prática

*EST - Estágio

*TOT - Total

*CR - Créditos

*PRÉ-REQUIS. - Pré-Requisito

Anexo D – Fotos do espaço físico das oficinas



oficina de artes plásticas



argila seca, estocada para reuso



espaço da oficina de escultura



interior de tanque com plástico e restos de argila, na sala de escultura



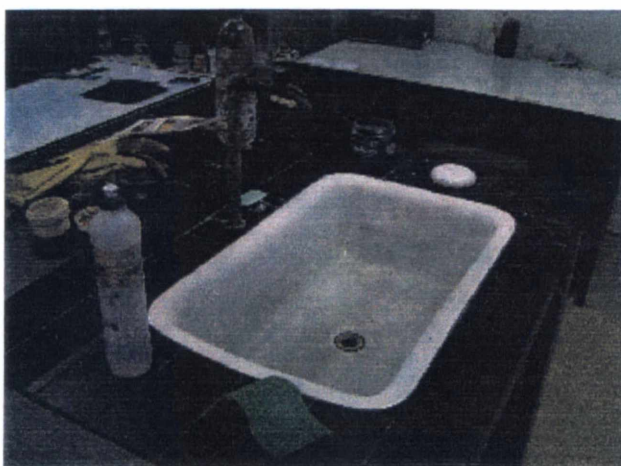
tanque da sala de escultura



alguns materiais expressivos de uso dos acadêmicos



tinta off set para impressão, no rótulo não está escrita a forma correta de descarte



tanque da sala de gravura, os produtos mancham a pia de porcelana



tanque para uso exclusivo de papel



pia da sala de gravura com materiais de limpeza



jornais, são utilizados para apoio e limpeza na sala de gravura



balde de lixo, único para todosos resíduos sólidos